



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS TECNOLOGIAS: O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS NAS ESCOLAS DA CIDADE DE CAJAZEIRAS - PB

JÚLIO CORNÉLIO DA SILVA NETO

CAJAZEIRAS-PB

2016

JÚLIO CORNÉLIO DA SILVA NETO

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS TECNOLOGIAS: O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS NAS ESCOLAS DA CIDADE DE CAJAZEIRAS - PB

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de título de licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosemere Olímpio de Santana

CAJAZEIRAS-PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586e Silva Neto, Júlio Cornélio da

O ensino de história e as tecnologias: o que pensam professores e alunos nas escolas da cidade de Cajazeiras - PB / Júlio Cornélio da Silva Neto.
- Cajazeiras, 2016.

66p.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Educação – novas tecnologias. 2. Ensino de história. 3. Ensino médio
- Cajazeiras - PB. I. Santana, Rosemere Olímpio de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

JÚLIO CORNÉLIO DA SILVA NETO

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS TECNOLOGIAS: O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS NAS ESCOLAS DA CIDADE DE CAJAZEIRAS - PB

Aprovado em: 31/05/2016

Banca Examinadora



PROF^ª. DR^ª. ROSEMERE OLÍMPIO DE SANTANA – ORIENTADOR (A)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG



PROF^ª. DR^ª. ANA RITA UHLE EXAMINADOR (A)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG



PROF^ª. DR^ª. MARIA LUCINETE FORTUNATO EXAMINADOR (A)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

CAJAZEIRAS - PB

2016

RESUMO

A pesquisa apresentada analisou três escolas da cidade de Cajazeiras-PB que pertencem a diferentes administrações, uma privada, uma pública estadual e uma pública federal. O objetivo foi problematizar como as novas tecnologias estão sendo pensadas por parte das escolas analisadas no ensino de história. Aplicamos questionários com os alunos do Ensino Médio, bem como entrevistamos os professores de história sobre o que pensavam sobre as tecnologias e sua utilização em sala de aula. Assim, analisamos se as escolas percebem de formas diferentes a utilização das tecnologias, já que falam de distintos lugares de gestão. Procuramos historicizar as tecnologias no ensino, principalmente no ensino de história, discutindo o currículo do ensino médio e suas diretrizes e o que elas dizem sobre o uso das tecnologias. A proposta da pesquisa é perceber como discentes e docentes pensam e utilizam esses recursos na disciplina de história.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de História, Ensino Médio, Novas Tecnologias.

ABSTRACT

The research presented examined three schools in Cajazeiras-PB belonging to different administrations, a private, a public state and federal. The objective was to discuss how new technologies are being considered by schools examined in teaching history. We use questionnaires to high school students, and interviewed the history teachers about what they thought about the technologies and their use in the classroom. Thus, we analyze whether schools perceive in different ways the use of technologies as they speak of different management positions. We seek historicizing technologies in education and especially in teaching history, discussing the high school curriculum and guidelines and what they say about the use of technology. The aim of this research is to understand how students and teachers think and use these resources in the discipline of history.

KEYWORDS: Teaching of History, Secondary Education, New Technologies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I- DISCUSSÃO ENTRE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	12
1.1 O DESAFIO DA INCORPORAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	16
1.2 O ENSINO DE HISTÓRIA NO NOVO CONTEXTO CULTURAL	20
CAPÍTULO II - AS TECNOLOGIAS E O CURRÍCULO (DOCUMENTOS CURRICULARES E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO)	24
2.1 O ENSINO MÉDIO E O CURRÍCULO	25
2.2 NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO?	28
2.3 OS JOVENS DA ATUALIDADE	31
CAPÍTULO III - OBSERVAÇÕES E RESULTADOS A CERCA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO	35
3.1 PENSANDO O ESPAÇO DE PESQUISA - AS ESCOLAS NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB	35
3.2 APRESENTAÇÕES DA ANÁLISE DAS ESCOLAS	36
3.3 OBSERVAÇÕES DOS ALUNOS DO CRISTIANO CARTAXO	41
3.4 OBSERVAÇÕES DOS ALUNOS NOSSA SENHORA DO CARMO	43
3.5 OBSERVAÇÕES DOS ALUNOS DA ETSC-UFCG	44
3.6 APRESENTAÇÃO E RELATO SOBRE OS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA	46
4 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	58
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	58
ANEXO B – Questionários.....	64

Ao meu pai Francisco das Chagas da Silva “Chagas de Júlio” (*in memoriam*), que me ensinou a ser um homem de caráter e me proporcionou uma educação de qualidade que fez com que eu pudesse ingressar na universidade e concretizar o seu sonho.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de forma direta e indireta contribuíram para que o sonho da realização deste trabalho obtivesse o êxito desejado por mim, agradeço em especial:

A Deus que me proporciona todos os dias a dádiva da vida, a minha família em especial minha mãe, irmã, esposa e filho que sempre me deram a força necessária para cumprir este objetivo.

Agradeço muito a minha orientadora a Professora Dra. Rosemere Olímpio de Santana que me ajudou bastante a concluir este trabalho com sua sabedoria e complacência e agradeço também aos meus amigos da turma de história 2011.1 que vou recordar com muita alegria todos os momentos que passamos juntos nesta trajetória acadêmica.

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa analisar o uso das novas tecnologias no ensino, especificamente no ensino de História. Para isso, buscamos analisar essa questão na cidade de Cajazeiras-PB, em três escolas de diferentes gestões, as escolas são: Escola Estadual Cristiano Cartaxo, Escola Nossa Senhora do Carmo de gestão particular e a ETSC-UFCG de gestão pública federal. A escolha das escolas foi pelo seguinte critério: A Escola Cristiano Cartaxo, por ser uma das melhores de gestão pública estadual e por possuir o ensino médio integrado. E com relação ao Nossa Senhora do Carmo e ETSC-UFCG, a escolha se deu pelo alto índice de aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Entrevistamos alunos do 3º ano do ensino médio, por se tratar da fase final da educação básica e também seus professores de História. Cajazeiras-PB, é conhecida como a cidade que ensinou a Paraíba a ler, possui em seu território várias escolas e instituições de ensino superior de qualidade, ou seja, é uma cidade polo de educação no sertão da Paraíba.

O interesse pela pesquisa se deu a partir do contato com as escolas e com a disciplina de história tanto do ensino fundamental, quanto do médio. Observando os alunos e o que eles falavam sobre história, percebi que a disciplina era vista por grande parte dos alunos como uma matéria chata, decorativa, conseqüentemente tornando as aulas de história monótonas. Assim, o uso de tecnologias torna-se uma alternativa para a mudança desse quadro.

Como vivemos em um mundo repleto de novidades, inovações tecnológicas, ou seja, um mundo considerado pós-moderno, nossos alunos vivem em um contexto de informações rápidas e sedutoras, e o passado acaba sendo considerado como não tendo relação com o presente. É essencial para que possamos conhecer melhor o presente em que vivemos estudar o passado, as transformações ao longo dos anos, os costumes, os acontecimentos, ou seja, toda uma gama de eventos que precisam ser estudados por esses alunos para que os mesmos possam conhecer melhor o presente onde estão inseridos. A importância da pesquisa visa justamente perceber como as instituições de ensino pesquisadas pensam as tecnologias, e se as mesmas conseguem se reinventar, uma vez que estas inovações podem possibilitar uma nova forma de ensino.

O mundo contemporâneo está interligado com inovações e revoluções tecnológicas. A realidade dos jovens está cada vez mais ligada às tecnologias. SANCHO (1998), diz que a interação do indivíduo com as tecnologias tem transformado profundamente o mundo e o próprio indivíduo.

É de suma importância observar se o uso destas ferramentas tecnológicas torna possível aos professores uma possibilidade positiva no processo ensino-aprendizagem.

Por este motivo, realizamos entrevistas e um questionário feito com os professores, para que os mesmos pudessem expressar toda a sua trajetória profissional e prática docente, tendo como principal questionamento as novas tecnologias. Para os alunos, as questões foram divididas em objetivas e subjetivas tendo em vista que trabalhamos com um público maior.

É certo que o uso de novas linguagens é importante no que se refere ao ensino-aprendizagem. Como nos diz Selva Guimarães Fonseca (2004; p.149) “Ao pensar as diferentes linguagens, incluindo as tecnologias, no processo de ensino de história não estamos apenas reconhecendo a ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também estamos pensando o próprio conceito de ensino e aprendizagem”.

Pensando nessas questões, organizamos a pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos a importância de entender o conceito de tecnologia e como esta foi aceita pelo ensino de uma forma geral. Esse é um ponto importante, pois, muitos desses recursos surgiram com objetivos diferentes e não foram pensados para serem utilizados na educação. Sentimos a necessidade também de entender, a partir de diversos autores, como essas tecnologias estão sendo pensadas para o ensino de história.

No segundo capítulo achamos importante analisar o que os documentos curriculares estão discutindo sobre as tecnologias, mas também sobre o Ensino Médio de uma forma geral. O nosso interesse é perceber quais são os objetivos desses referenciais curriculares já que a maioria do Ensino Médio é composta por jovens. Também achamos importante historicizar, mesmo que de maneira superficial, o conceito de juventude e as culturas juvenis hoje, já que são eles em maior número os usuários dos recursos tecnológicos.

E por fim, no terceiro capítulo, analisamos os questionários e as entrevistas, apresentando as escolas pesquisadas e os recursos que elas oferecem. Nesse capítulo,

identificamos o que os alunos pensam sobre esses recursos, e como os professores reconhecem a importância ou não das tecnologias no ensino de história.

CAPITULO 1 - DISCUSSÃO ENTRE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Vivemos em um mundo com evoluções e revoluções tecnológicas, e cada vez mais a sociedade esta envolvida dentro destas novas tecnologias. Na escola e em seu cotidiano não é muito diferente. A biblioteca que até os fins dos anos 90 era bastante procurada para a pesquisa e resoluções de trabalhos, hoje é substituída muitas das vezes por pesquisas via internet. Pesquisas rápidas e às vezes mais proveitosas, já que basta algumas palavras e um clique para encontrar a teoria, a resposta e o conteúdo de um determinado tema.

Existem muitas formas de compreender a tecnologia, portanto, antes, é necessário conceituar o que podemos entender por este termo. No dicionário, tecnologia seria um produto da ciência e da engenharia que envolve um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que visam a resolução de problemas. É uma aplicação prática do conhecimento científico em diversas áreas de pesquisa. Uma forma de tornar o dia a dia do homem mais ágil, facilitando as tarefas do seu cotidiano.

É claro que esse conceito é restrito e não leva em consideração que a tecnologia não está relacionada necessariamente a uma só área. Foi a partir da Revolução Industrial que esse conceito de tecnologia começou a ganhar espaço, atrelada à técnica, a sistematização do conhecimento que repousa sobre o saber científico e a racionalização do emprego de instrumentos e materiais.

Desse modo, podemos concluir que a tecnologia é tão antiga quanto o homem. Exemplificando, na pré-história um indivíduo com um bastão de madeira que aumenta a potência do golpe e serve como extensão do braço pode considerar isso como uma descoberta tecnológica.

É notório que hoje em dia existem inúmeras tecnologias que melhoram a condição de vida humana, aparelhos de saúde, automóveis cada vez mais seguros, praticidade com internet e até mesmo na hora do sufrágio nas eleições, temos o Brasil como exemplo de uso de uma tecnologia que transforma o pleito eleitoral rápido e prático, basta ver a rapidez com que os resultados chegam até nós. É de fato algo que ajuda pessoas e a necessidade humana de subjugar à natureza para sobreviver.

Mas, como pensar esse conceito e o uso das tecnologias na educação? A tecnologia na educação pode tornar possível a transmissão e aperfeiçoamento do conheci-

mento. Configura o processo educacional em sentido amplo, inclusive no âmbito que extrapola a educação formalizada nas escolas.

Existem diversas opções para incorporar a tecnologia em sala de aula, hoje podemos ver nitidamente algumas ferramentas que professores usam no processo de ensino – aprendizagem. No entanto, são muito usados pelos professores, meios de comunicação como rádio, tv, cinema, além das tecnologias tradicionais como quadro, giz, cadernos entre outros.

Assim, podem ser usadas as tecnologias mais recentes, como: vídeos, DVDs, computadores, teleconferência, lousa digital, ensino à distância, entre outras. Em suma, boa parte da tecnologia humana pode ser de uma forma ou outra, aplicada a educação.

Partindo para uma visão histórico-cultural, podemos notar que a relação entre educação e tecnologia não poderia ser mais estreita. É importante entender que as transformações educacionais, devem estar associadas a um contexto mais amplo do impacto das NTICs sobre a sociedade e conseqüentemente sobre o ensino aprendizagem.

De um modo geral se apresenta que atualmente está emergindo um novo paradigma educacional, cuja dinâmica pedagógica se caracteriza pela necessidade de desenvolver em cada estudante práticas de habilidades avançadas, pela adoção de longas unidades de conteúdos autênticos e únicos, pela introdução do currículo multidisciplinar, pela avaliação baseada no desempenho e/ou na performance, pela ênfase na aprendizagem colaborativa, na postura do professor como facilitador, pela predominância de agrupamentos heterogêneos, pela aprendizagem estudantil assumindo uma conotação de exploração de conteúdos dinâmicos, e pela adoção de modos de instrução interativos. (SILVA, 2010 p. 6).

O que SILVA (2006) aponta, é que não temos como negar as mudanças e conseqüentemente as novas habilidades que surgem a partir do contato com inúmeras experiências, entre elas a tecnologia. Segundo Marx, “a tecnologia revela o modo de proceder do homem com a natureza, o processo imediato de produção da sua vida material e assim elucida as condições de sua vida social e as concepções mentais que dela decorrem”. (DACIO, 2010 p. 26)

De fato o uso das novas tecnologias pode ser produtivo no que tange à educação. O que deve ser objeto de estudo é se o professor de história pensa sobre o uso deste recurso, como se comporta a direção da escola: se permite o uso destas tecnologias como recurso metodológico ou não, como a escola pensa a inserção tecnológica no

ensino. Os alunos estão realmente aprendendo com este recurso metodológico? Enfim há uma série de questões a serem analisadas.

Muitas pesquisas referem-se ao interesse dos alunos em relação as aulas. Ao investigar o cotidiano dos alunos em sala de aula, tem se escutado dos mesmos, frases como: “Para que estudar História?”, “História só estuda o passado e ele não me interessa, professora!”, “História é chato porque é muita decoreba.”. Acredito que essas ideias são resultado do tratamento que tem sido dado ao estudo da História ao longo da vida escolar desses alunos. Portanto é necessário buscar mecanismos que possam transformar a sala de aula em algo dinâmico e produtivo. No entanto sabemos que essa não é uma tarefa fácil é importante que haja uma reflexão profunda para vencer desafios que são proposta ao profissional da educação todos os dias.

Como o presente trabalho busca analisar o uso das novas tecnologias em sala de aula, o professor pode ter nessa questão mais uma possibilidade de fazer com que o ensino/aprendizagem se torne algo inovador e significativo. Porém é notório que o uso das novas tecnologias é uma possibilidade e não uma solução para a melhoria do ensino.

Todavia, com a evolução das tecnologias está havendo uma reestruturação em toda a sociedade com seus reflexos na educação. Por isso, é preciso repensar as formas de ensino e aprendizagem, e pensando no uso das tecnologias, Arroyo esclarece que,

as tecnologias da informação e comunicação podem transmitir competências e informações com maior rapidez e eficiência que o professor. Porém, não darão conta do papel socializador da escola, do encontro de gerações e do aprendizado humano que se dá no convívio direto com as pessoas. (Arroyo 2000. p. 110)

O grande desafio que se apresenta para os educadores é como se adequar a essas mudanças. Orozco (2002) fala que só o tecnicismo não garante uma melhor educação. Neste sentido, e usando as palavras de Sancho e Hernández (2006) é preciso refletir sobre o que significa ensinar no século XXI, o papel dos professores e das diferentes linguagens textual, virtual e individual no ensino e aprendizagem.

Através de leituras e estudos com relação às Novas tecnologias são observadas as mudanças e inovações, no entanto o ensino tradicional no que se refere a uma metodologia expositiva ainda domina a cena nas escolas. Não estamos dizendo com isso, que o simples uso das tecnologias já determina não ser tradicional, nem que essa conceituação seja negativa. Mas, acreditamos que para a utilização das NTICs é quase

que inevitável uma mudança de postura dos profissionais de educação, que por vezes temem o “desconhecido”.

Desse modo, a incorporação das tecnologias no âmbito escolar deve ser considerada como parte da estratégia da política educacional e “uma alavanca de inovações pedagógicas a serviço da construção de saberes”. (ALAVA 2002, p. 14). Entretanto a dificuldade de analisar concretamente as implicações das tecnologias na escola ainda é complicada, pois “tal processo ainda se encontra no início de sua trajetória” (LEVY, 1999, p. 24). Contudo, a tecnologia impõe desafios à formação de professores e à educação escolar, pois existem barreiras entre as tarefas de execução e concepção das tecnologias na escola.

Podemos observar que antes do século XX a tecnologia era descrita da seguinte maneira: a tecnologia configura-se como um corpo de conhecimentos que além de usar o método científico, cria ou transforma processos materiais. (SANCHO, 1998, p. 29). Nesse período, a tecnologia era separada dos espaços da criação, e do humano do que é tecnológico.

Posteriormente, já no século XX, mais precisamente na década de 50, a palavra tecnologia já tinha se popularizado e poderia ser vista em meios como também processos e ideias diferentes, máquinas e ferramentas eram cada vez mais constantes no mundo. Sancho (1998, p.30) comenta que toda e qualquer tecnologia vai aos poucos e gradativamente criando um ambiente humano totalmente novo.

Várias discussões sobre o tema que engloba tecnologia no que tange a educação nos traz a datação do uso da tecnologia pós Segunda Guerra Mundial, usando-a para fins de treinamento de militares, como também no meio educacional Norte Americano.

Podemos notar, de forma mais transparente essa questão, quando nos voltamos para a década de 60, pelo fato do grande desenvolvimento de meios de comunicação em massa. Resultou em um movimento de profunda discussão no mundo da educação e uma discussão dos conceitos de comunicação. Posteriormente a isso, na década de 70 a informática mostrou novas possibilidades que até então naquela época não eram pensadas.

Nesse sentido, é necessário salientar a importância de estudar o desenvolvimento tecnológico durante os anos e sua ligação com a educação, já que este trabalho busca analisar o uso das novas tecnologias no Ensino, mais especificamente o ensino de

História.

1.1 O Desafio da incorporação das Novas Tecnologias

O grande desafio das instituições de ensino é trazer o cotidiano para dentro da sala de aula, e nem sempre o uso das tecnologias vai melhorar o ensino aprendizagem, porém, é um recurso a ser explorado. Algo que pode ser analisado no uso das novas tecnologias é a condição que se dá ao aluno observar o mundo de outra maneira, as novas relações de trabalho e conseqüentemente prepará-lo para exercer sua cidadania.

Segundo Mary Jones Ferreira de Moura (2009), o uso dos recursos tecnológicos deve estar associado ao domínio do conteúdo e metodologias para que se possa escolher a mais adequada construção de conhecimento histórico. Todavia, ao tratar sobre o uso das novas tecnologias, é necessário lembrar que as mesmas estão inseridas no nosso dia a dia. E na escola não é diferente, uma instituição que prepara o indivíduo para exercer sua cidadania e enxergar criticamente o mundo não pode excluir as tecnologias.

A escola ainda é, e será por muito tempo a instituição do letramento do aluno e grande parte delas estão equipadas com os recursos tecnológicos que chamamos de novas tecnologias. Parte das escolas públicas adquirem estas tecnologias através de investimentos do governo federal, e as escolas particulares com recursos próprios destinados a educação. O grande problema é incorporá-las, e fazer uso produtivo no tocante ao ensino aprendizagem, pois, por muitas vezes não temos melhorias com essa instrumentalização.

Antes, porém, de refletir e pensar que a escola não quer fazer uso, ou está resistindo às novas tecnologias, é necessário que primeiro identifiquemos o problema no tocante ao ensino aprendizagem. O professor terá que reportar-se a isso e posteriormente pensar se a incorporação das novas tecnologias irá de fato auxiliá-lo de forma positiva em sala de aula.

Pesquisadores como Marcos Silva (2012), revelam que as crianças e os jovens que possuem contato com as tecnologias em seu cotidiano desenvolvem determinados aspectos da inteligência que acaba não resultando em um melhor desempenho escolar. Isso significa, que essa geração envolvida cada vez mais nas linguagens midiáticas não encontra na escola a mesma rapidez das informações. Este crescente hiato entre a

cultura escolar tradicional e o universo das novas gerações, saturado de imagens e sons das mídias, exige uma nova postura pedagógica. “Para uma criança que cresce mergulhada na cultura das imagens, isso parece a coisa mais natural do mundo. Parece, na verdade, ser a natureza.” (Gitlin, 2003, p. 38).

Isso é preocupante, pois existem vários jovens que acabam sendo ótimos jogadores de games na internet, tem facilidade para adaptar-se ao meio tecnológico, porém, a escola não explora bem essa questão com os alunos.

O ponto chave da discussão é este, saber identificar a realidade do alunado para que se possam introduzir de maneira significativa, ferramentas que auxiliem o ensino aprendizagem. Cada vez mais, os jovens estão interagindo com a tecnologia, tablets, e-books, smartphones, enfim, uma série de ferramentas que podem servir de instrumento metodológico. Não que o uso destas ferramentas seja a solução para o ensino/aprendizagem. Porém, a incorporação das mesmas é cada vez mais recorrente nas escolas.

Não é fácil incorporar as novas tecnologias no ensino, vários fatores são obstáculos, como o receio a aceitação da própria escola e dos professores ao uso deste recurso, ferramentas adequadas, capacitação dos professores, enfim uma gama de fatores que impedem inovações nas escolas.

No dia a dia é cada vez mais comum a grande acessibilidade que a tecnologia proporcionou ao mundo. Com os jovens podemos observar essa revolução de forma mais categórica. É necessário compreender o cotidiano do aluno para propor uma forma inovadora de aprendizado, isso é claro se o professor optar pelo uso das Novas Tecnologias. Como este trabalho busca observar essa questão, é propício observar o dia a dia dos alunos e sua ligação com a tecnologia. Nas mãos dos jovens, a tecnologia se torna uma ferramenta de pesquisa inigualável, porém o aprendizado do alunado pode se tornar sem significação se o Professor que busca inserir as Novas Tecnologias, por ventura não buscar compreender o cotidiano do seu aluno. É um conjunto de fatores que tem que ser trabalhados para que se possa sair de uma metodologia de ensino para outra.

Santos e Resende dizem,

Dessa forma, ao se deparar com algum assunto desconhecido, basta apenas acessar um site de busca, digitar o assunto, e em segundos o conteúdo estará na tela de alguns equipamentos tecnológicos, como: celular, tablete, notebook, entre outros, e com uma importante ressalva, serão inúmeros sites,

ou seja, várias fontes de pesquisa algumas com resumos prontos do assunto pesquisado. (Santos e Resende in PIROZZI p. 6, 2016)

Nesse contexto, é importante que o professor que é o mediador do conhecimento, se optar fazer o uso das novas tecnologias tenha em mente que precisa se capacitar para que não ocorra nenhum problema em sala de aula, e que os alunos possam não só entender os conteúdos, mas também discuti-los de forma crítica.

Segundo Perremound (2000), as inovações tecnológicas estão cada vez mais presentes e com mais intensidade em todos os âmbitos da sociedade e a escola não pode ficar alheia a essas mudanças. É inevitável não observar que a tecnologia se tornou cada vez mais acessíveis, e mudaram o cenário no nosso cotidiano, e aproximar a tecnologia da escola pode ser um fator importante para o ensino/aprendizagem.

Segundo (Keski, 2007), os alunos passaram a ser mais ativos em tempo, velocidade e movimento, no qual alunos e professores aprimoram e desenvolvem um comportamento de forma lógica e crítica, contribuindo com o ensino/aprendizagem.

Mas a questão é: o Professor está à vontade para buscar incorporar as tecnologias? Ou mesmo a sua didática permite que haja uma mudança na sua metodologia? O que esse estudo busca é se uma escola pode, por meio da direção e do professor melhorar o ensino/aprendizagem através do uso das Novas tecnologias, conduzir uma turma questionando, desafiando e utilizando diferentes estratégias para atingir um resultado significativo?

Não almejo colocar a tecnologia como a solução para todos os males da sociedade e da educação moderna, mas tendo em vista que as instituições precisam fazer uma reflexão e observar a mudança sociocultural que existe na sociedade, é necessário usar mecanismos para solucionar problemas na sociedade, e a instituição escolar não é diferente.

Atualmente têm-se dois posicionamentos quanto ao uso da tecnologia na educação: Um contrário que provoca o fenômeno de tecnofobia e outro posicionamento favorável que identifica uma tecnofilia (SANCHO, 1998).

Podemos observar que a tecnofobia é algo que os acadêmicos definem como uma, digamos, “vertente” que vê as inovações tecnológicas de toda sorte como algo ruim, em um processo de desumanização da sociedade ante as máquinas cada vez mais poderosas, menores e presentes em todos os aspectos e momentos da vida humana.

Em linhas gerais, a tecnofobia pode ser observada naquelas pessoa que não se sentem a vontade em possuir e manusear aparelhos tecnológicos, uma fobia que nos dias atuais pode se constituir como um produto de exclusão da era digital

Já a tecnofilia é, na melhor das hipóteses, a adesão aos avanços tecnológicos e a crença de que estes avanços são a chave para uma vida melhor ou uma forma de entretenimento. Exemplificando é um sujeito que esta disposto a usar a tecnologia atrelada a fins sociais, seja para melhoria e praticidade ou para divertir-se.

Entender essas duas vertentes é necessário para poder observar que o mundo apesar de ser um espaço que a revolução tecnológica atinge a praticamente toda sociedade, existem pensamentos contrários e até mesmo receio de algumas pessoas em usar a tecnologia em seu dia a dia.

Obviamente que, um dos custos será o de reformular a forma de trabalhar conteúdos e assuntos, bem como o investimento na aquisição de novos conhecimentos, tecnologia e formação continuada de professores. Certamente não se pode ser ingênuo e aceitar cegamente que o consumo de aparatos tecnológicos implique necessariamente em melhores aprendizagens.

O fato de se ter uma grande quantidade de informação à disposição dos alunos não é suficiente, é preciso transformar esse volume de informação em conhecimento e, para isso, precisa-se de outros elementos e interferências. Aqui, eis que entram as construções, elaborações e reflexões que podem ser estabelecidas com essas informações e dados.

Enfim, o uso das tecnologias está associado a propostas pedagógicas que vão além das tecnologias empregadas. Esta proposta passa pela formação dos indivíduos que desenvolvam suas potencialidades a partir da utilização e da experimentação no espaço da aprendizagem, um espaço que se configure com a sua própria realidade e seu cotidiano é o que afirma Sancho (1998).

A prática docente deve responder às questões reais dos estudantes, que chegam até ela com todas as suas experiências vitais, e deve utilizar-se dos mesmos recursos que contribuíram para transformar suas mentes fora dali. Desconhecer a interferência da tecnologia, dos diferentes instrumentos tecnológicos, na vida cotidiana dos alunos é retroceder a um ensino baseado na ficção. (SANCHO, 1998, p.40).

Então para que o uso das tecnologias signifique uma transformação educativa, os professores terão que mudar e redesenhar seu papel na escola atual, pois não adianta equipar uma sala de aula com ferramentas tecnológicas, sem um plano concreto e produtivo. É preciso que a escola pense a inserção das novas tecnologias como uma forma de criar uma produção de conhecimento histórico dos alunos, e não só pela questão de modernizar a instituição.

1.2 O Ensino de História no novo contexto cultural (Cibercultura)

Grande parte da preocupação no que se refere ao ensino de história é referente à forma que muitas das vezes é tratado o ensino/aprendizagem. Ainda apresentando a história como factual elencando as narrativas de uma história positivista e então chegamos aquele velho discurso de que os alunos pouco se interessam pela disciplina, um ensino repetitivo no qual os alunos são meros espectadores e acabam não produzindo o conhecimento, tão pouco o desenvolvimento crítico.

A questão do conhecimento pronto e acabado que permeia nossa educação, é algo a ser revisto sem dúvida, pois, corremos o risco de comprometer o ensino de história se houver a manutenção deste modo de agir em sala de aula. Sabemos que já existem métodos para a melhor compreensão dos conteúdos, planos de aulas mais flexíveis que permitem ao professor uma nova abordagem no que tange aos conteúdos.

Com relação ao uso das tecnologias no ensino de história, podemos observar que é um tema recorrente, porém bastante recente, haja vista que a revolução tecnológica está presente no nosso dia a dia.

Nesta perspectiva, segundo Spengler (2012) “o ensino de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo”. Para que isto aconteça, este ensino deve estar em sintonia com o nosso tempo.

Marcos Silva (2012) nos traz um norte esclarecendo alguns pontos que se referem à inserção da tecnologia no ensino de história,

A hipótese principal dos que têm defendido a incorporação das NTICs no ensino presencial de história é que este campo de estudo é um dos mais adequados para a incorporação destes recursos no processo pedagógico, uma vez que o mesmo dá conta do acervo das civilizações fundadoras, das manifesta-

ções artísticas e literárias, da evolução do pensamento, da construção social da realidade com seu vasto legado de mistérios, símbolos, imagens e sons a ser explorado e que está crescentemente sendo digitalizado. (Silva. 2012 p. 8)

Essa é uma questão interessante, pois, podemos ver uma enorme quantidade de informações, imagens, músicas e vídeos que se tornaram disponíveis. Site de pesquisas visita a museus virtuais, até mesmo jogos eletrônicos que relembram épocas antigas se tornam fontes de pesquisa para uma nova forma de aprendizado.

(Marcos Silva 2012) fala ainda da revolução que é o Youtube, onde podemos em apenas um clique acessar trechos de documentários, filmes entre outros programas que podem vir a ser estudados em sala de aula. De fato uma grande quantidade de imagens e sons que podemos observar no seio dessa nova geração pode ser um aliado para o professor de história. Essa questão é reforçada por este pensamento: “Ainda mais que não pode ser olvidado o fato de que “nossa memória visual é muito mais duradoura que a memória textual” (Silva in Johnson, 2001, p. 15)”.

Nesse sentido, o Professor estará livre para efetuar várias tarefas, criando espaços acessíveis para o alunado, links, janelas, entre outros que possam garantir um novo modelo de ensino aprendizagem. Para isso deve o professor ter uma instrução satisfatória para conseguir seus objetivos. A tarefa não é das mais fáceis, é necessário um planejamento adequado, ter um ciberespaço onde possa se desenvolver várias situações que permitam ao aluno um ambiente agradável, onde o mesmo entenda os conteúdos por meio desse novo conceito.

Marcos Silva diz:

desenvolvimento e aplicação de situações didáticas ambientadas no ciberespaço, cuja matriz atual pressupõe a capacidade de criar interfaces estudante-computador. A interface gráfica é o novo meio de comunicação que os professores precisam dominar. O desafio é que o docente seja capaz de construir interfaces gráficas, baseadas em metáforas, que propiciem a interação pedagógica. O grande exemplo é a metáfora do *desktop* e como o desenvolvimento da interface gráfica nela inspirada, contribuiu enormemente para facilitar a utilização do computador por usuários não iniciados nas complexas linguagens da informática. (Silva 2012 p. 9)

É preciso que o professor compreenda de fato tais mecanismos e seus benefícios, sempre levando em consideração a questão da sala de aula heterogênea, onde nem todos os alunos vão encontrar facilidade com a inserção das tecnologias.

Ainda para Silva (2012), existem duas possibilidades principais de utilização das NTICs por professores de História. No que se refere ao ensino presencial, o primeiro é através da utilização das NTICs em apoio às tarefas tradicionais dos professores, como fonte de recursos para a preparação de aulas e materiais pedagógicos e, segundo, como ferramentas instrucionais, ou seja, aplicação de metodologias de utilização pedagógica das NTICs e, em especial, do ciberespaço.

Na segunda questão, os alunos não poderão navegar livremente pela internet, procurando os conteúdos ao acaso. O professor deverá instruí-los para uma melhor percepção, com atividades, objetivos reais com um roteiro a ser seguido. Podemos ver aqui que o professor está mediando quase que da mesma forma o conteúdo, com a diferenciação de método.

São várias as maneiras de buscar nas novas tecnologias um novo modelo de ensino aprendizagem no ensino de história, temos vários exemplos como: visitas a museus em suas galerias virtuais, jogos eletrônicos que tem haver com conteúdo histórico, acervos audiovisuais, sem falar nos mais corriqueiros que são os slides, retroprojektor que auxiliam tanto a professores e alunos no dia a dia, ou seja, há vários métodos de preparar aulas com relação as NTIC's.

Existe hoje certa facilidade dos alunos em manusear as ferramentas tecnológicas como também a criatividade e esforço dos professores diante do desafio para incorporar as NTICs na prática pedagógica deixando de lado a tão famosa tecnofobia.

Para Silva (2012) ao analisar a formação docente hoje nas universidades e nas escolas percebe-se que existe certo investimento na formação através de programas como o PROINFO, o Programa Nacional de Informática na Educação, criado em 1997, que visa promover o uso da informática na rede pública de educação básica.

Também não podemos deixar de considerar que a atual geração de professores que está saindo das Universidades está melhor preparada para incorporar o uso pedagógico das NTICs, grande parte dos profissionais da educação nasceram já em uma geração tecnológica avançada, falo isso aos nascidos no final da década de 90 e toda a primeira década do século XXI. É esperada uma maior facilidade em assimilar novas ideias e novos métodos de ensino.

No entanto, vale ressaltar que a nova postura docente não diz respeito, sobretudo à incorporação do aparato tecnológico à sua prática, mas sim à compre-

ensão de que, em última instância, “educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo”, como escreveu William Butler Yeats. (Silva 2012 p. 18)

As novas tecnologias aplicadas pelo professor de história precisam ser trabalhadas de maneira a atender seu objetivo, ou seja, dinamizar as aulas e contribuir para o aprendizado dos discentes. Assim, quando o professor de história utiliza-se dela com o objetivo de dinamizar sua aula e atento para a diferenciação de um documentário e um filme conseguirá obter êxito em suas aulas.

Além desses cuidados e preparação, não basta utilizar os recursos tecnológicos e esquecer que eles também fazem parte de um lugar de interesse, como colocamos, são inúmeras as possibilidades de trabalho, porém cada uma exige conhecimento seja, como utilizá-la de forma metodológica, ou seja, como utilizá-la de forma teórica. Por essas questões, achamos necessário analisar como as tecnologias aparecem nos Parâmetros Curriculares Nacionais e quais são as justificativas para a sua utilização.

CAPITULO 2 - AS TECNOLOGIAS E O CURRÍCULO (DOCUMENTOS CURRICULARES E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO)

Sabemos que as diretrizes curriculares mostram a importância para o desenvolvimento de competências cognitivas e sócio afetivas que qualificam o jovem para o trabalho e a vida em sociedade. Em síntese, esta é a finalidade da educação básica, conforme a legislação que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. (BRASIL, 2002)

Desta forma, os PCNs só reafirmam o que as diretrizes direcionam, ou seja, a importância de desenvolver as competências, que são organizadas por áreas de conhecimento, e essas competências estipulam o que seria importante ou não na formação do aluno. A estruturação desta base comum articula os estudos nas áreas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; e Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Segundo o documento estas áreas não eliminam as disciplinas, mas permitem reagrupar os conhecimentos, evitando-se a fragmentação (BRASIL, 2002).

É importante entender a organização e a estrutura dos referenciais, pois são eles que direcionam as discussões sobre o uso das tecnologias no ensino. Referindo-se a questão das tecnologias, existe um trecho no PCN que exemplifica bem o pensamento sobre essa questão,

as novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (PCN, 2002, p.24).

Sem dúvida, há uma revolução tecnológica de grande proporção nos últimos anos, conseqüentemente trazendo mudanças. É bem nítido que as novas tecnologias possibilitam nos comunicarmos através de sons, imagens e textos, integrando mensagens e tecnologias multimídia. Desta forma, as tecnologias antes de chegar às escolas, passam pelos alunos e professores em seu cotidiano sendo apropriadas por eles de diversas formas, sem exigir uma reflexão ou problematização sobre o seu uso. Por isso, o PCN 2000, enfatiza que é tarefa da área do ensino, que o estudante possa compreender as tecnologias como sistema de comunicação, capaz de,

“permitir a criação de um mundo social mais democrático, e entender os seus princípios não apenas para promover o desenvolvimento tecnológico do país com vistas à competição política e internacional, mas também desenvolver uma consciência crítica sobre as possibilidades existentes para a solução de problemas pessoais, sociais ou políticos, utilizando-se dos instrumentos existentes para esses fins, ou seja, buscar não somente a modernização de uma instituição de ensino, mas também o desenvolvimento do ensino aprendizagem de uma forma inovadora e que não se mostre obsoleta a demanda”. (PCN 2002 p. 12)

Os objetivos abordados pelos PCNs a respeito do uso das tecnologias orientam não só a alfabetização tecnológica, de suma importância hoje em nosso contexto, como também investe no desenvolvimento da capacidade do indivíduo em se apropriar das tecnologias para fins sociais. Todas as questões apresentadas são importantes, porém, é interessante compreender como esses referenciais para o ensino médio foram pensados, seus lugares de poder e as tensões em sua produção para então entender melhor o uso das tecnologias nesse documento.

2.1 O Ensino Médio e o currículo

O Ensino Médio é a etapa final da educação básica, e um de seus objetivos finais é a garantia de formação comum para o exercício da cidadania, a todos brasileiros, e fornecimento de meios para a progressão no trabalho e nos estudos posteriores.

No entanto, o conceito de cidadania trabalhado pelos referenciais não congrega com outro objetivo que é a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho. Como utilizar e vivenciar esse conceito em uma sociedade marcada pelo individualismo e pelas perdas constantes de direitos civis, trabalhistas e outros. Mas, como aponta Queiroz (2009), essas disparidades acontecem no Brasil porque vivemos em uma situação singular, pois possuímos um sistema de leis e diretrizes extremamente avançados, como também a sua inaplicabilidade, inviabilizando o estabelecimento de um sistema educacional que busca a qualidade e abrangência.

Essa estrutura atual pensada para o Ensino Médio teve seu início nas décadas de 80 e 90, e foi principalmente nesse período que aconteceram as principais reformulações curriculares no Brasil. Segundo Magalhaes (2006), estas reformulações têm relação

direta com a transição da ditadura civil-militar para um período democrático, em um mundo em processo de globalização.

Essas mudanças personificadas nos PCNs, como aponta Magalhães, estavam mais em sintonia com as propostas de órgãos internacionais do que com os projetos formulados pelos educadores brasileiros. Nesse caso, os parâmetros se tornaram campos de disputas e de diferentes projetos políticos, que queriam reafirmar seus interesses. O resultado foi uma rejeição dos próprios professores a esse documento, que até hoje é alvo de críticas. Junto com os PCNs vieram também as avaliações em larga escala, ou seja, era preciso saber, se o investimento feito pelos órgãos internacionais tinha gerado resultados.

Essas avaliações desconsideram as funções pensadas para os educandos no próprio PCN. Seriam elas:

- A formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa;
- O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- A preparação e orientação básica para a sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam seu aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças que caracterizam a produção no nosso tempo;
- O desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos. (PCN 2000. p. 10)

Analisando os PCNs, podemos observar que a reforma feita no ensino médio com relação ao currículo é bastante significativa, todo esse encaminhamento está pautado na estrutura defendida pela UNESCO: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser*.

Nos chama a atenção um dos pontos em questão, que é a integração do jovem ao mundo do trabalho e a preparação de competências que lhe favoreçam o aprimoramento profissional e as mudanças que venham a ocorrer, e que caracterizariam esse universo do trabalho contemporâneo. O sentido do trabalho no ensino médio é mais uma das questões que permeiam, historicamente, a natureza do currículo nessa etapa de formação. Segundo Ramos (2011), isso se dá "porque é nessa fase que ocorre a explicitação do modo como o conhecimento se relaciona com o trabalho". É o momento onde os

jovens estão em busca de uma afirmação na sociedade, escolhas profissionais tanto em mercado de trabalho como ingressar na universidade para obter uma carreira.

Esse ponto é muito importante, porque não poderíamos falar nessa preparação sem tocar nas tecnologias, como já discutimos, hoje é quase impossível viver sem utilizar esse recurso. São vários setores que utilizam a tecnologia, os bancos, os supermercados, lojas e até mesmo as indústrias e fábricas estão cada vez mais utilizando de máquinas importadas que exigem uma formação de seus operadores. Mais do que ensinar aos alunos essas especificidades, a escola teria como objetivo inserir esse jovem nos conhecimentos básicos da tecnologia, como transitar em meio a elas, mas principalmente em estabelecer uma relação crítica.

No entanto, como preparar esse aluno se a escola ainda não está preparada? É o que aponta o Professor Pesquisador Paulo Carranco da UFF, a problemática da infraestrutura nas escolas, que não se aparelharam para o crescimento das matrículas que ocorreram a partir da década 1990 não favoreceram o crescimento de qualidade suficiente. Existe uma série de dificuldades até com a formação dos professores, e muitas vezes o professor não se prepara para reconhecer esse jovem que ai esta, o jovem da atualidade.

Carranco (2014) vai além e relata que também há problemas sérios na própria condição docente que se refletem no ensino médio, os salários muito aquém da necessidade desses professores, (um dos fatores de maiores discussões em torno da educação) a escola em sua maioria da rede publica "não oferece condições para que esse professor se dedique a uma mesma instituição. O professor em turno integral na mesma escola é coisa bem distante".

Então podemos observar vários fatores que não vão de encontro com as perspectivas referentes ao currículo do ensino médio. Ainda com relação ao ensino médio e suas contradições com os currículos, podemos observar o pensamento de Evandro Mateus Moura:

O Ensino Médio contemplava duas modalidades: uma delas voltada para o ensino propedêutico, visando o ingresso na universidade, e a outra referente ao ensino terminal, objetivando a capacitação profissional. Progressivamente, a modalidade da educação profissional foi ganhando legalmente o mesmo *status* que o ensino médio de formação geral. Contudo, atualmente, a tendência da política educacional se dá no campo da proposta do ensino médio integrado. Porém, trata-se de uma perspectiva longínqua a tornar-se realidade. (Moura, 2014. p. 63).

Percebemos então, as contradições entre o que as reformas apontam e o que acontece nas relações escolares cotidianas. Temos direcionamentos importantes, porém baseados mais nas pesquisas internacionais do que na produção de intelectuais brasileiros da educação. Isso nos faz crer, que essas medidas chegaram prontas nas escolas, porém, professores, gestores e comunidade não participaram dessa construção.

2.2 Novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio

Ao voltar um pouco no tempo, podemos observar críticas de vários grupos em relação às políticas do governo FHC, ou seja, as novas diretrizes curriculares para o ensino médio que já vinham sendo propostas desde a aprovação das DCNEM em 1998.

Porém, o debate mais acentuado sobre essa questão é observado na gestão do então Presidente Lula. No Ano de 2003, a Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), do MEC, iniciou uma série de discussões e consultas sobre o tema que culminou no Seminário Nacional “Ensino Médio: Construção Política”.

Segundo MOEHLECKE (2012), a discussão fora mais aprofundada, basta ver que a Secretaria de Educação Básica (SEB), da qual a educação de nível médio passa a fazer parte, iniciou uma revisão dos PCNEM, consultando diversos especialistas no assunto, o que culminou nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, publicadas em 2006. Em 2009, o Ministério da Educação convidou um conjunto de especialistas para auxiliá-lo no processo de revisão e atualização das diretrizes curriculares nacionais para a educação básica como um todo, incluindo o ensino médio.

Em 2010, o documento resultante desse trabalho foi apresentado pelo MEC ao Conselho Nacional de Educação como base para o início da definição de novas diretrizes para a área. Em julho de 2010, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (parecer CNE/CEB n. 7/2010 e resolução CNE/CEB n. 4/2010) e, em maio de 2011, foi aprovado parecer, estabelecendo novas diretrizes curriculares especificamente para o ensino médio (parecer CNE/CEB n. 5/2011).

Contudo, com o advento de todo um processo de revisão das DCNEM, que novidades o documento aprovado traz para a organização curricular do ensino médio no Brasil? Quais as mudanças efetivamente propostas para esse nível de ensino? Mais es-

pecificamente, que diálogo é possível identificar, no texto das novas diretrizes, com as críticas que vinham sendo feitas ao antigo documento aprovado em 1998?

Essas são questões foram feitas por Sabrina Moehlecke que diz:

Em termos da organização propriamente dita do ensino médio, as DCNEM-2011 basicamente referendam os principais marcos normativos já vigentes na área e os programas e ações que vinham sendo adotados como política educacional para esse nível de ensino, tanto no âmbito federal quanto em alguns estados e municípios. No início do parecer, é feita uma síntese das orientações legais que impactam direta ou indiretamente o ensino médio. (Moehlecke 2012. p.52)

MOEHLECKE (2012), ainda relata que as principais mudanças ressaltadas abrangem a aprovação da lei n.11.741/08, que reforça a integração entre o ensino médio e a educação profissional, da lei n. 11.494/07, que garante um financiamento específico a esse nível de ensino, por meio do FUNDEB e da emenda constitucional n. 59/2009, que assegura a obrigatoriedade de estudo de crianças e adolescentes dos quatro aos dezessete anos.

Com relação ao contexto político, social e educacional, o que pode se extrair do parecer das novas DCNEM, é que o cenário no qual se insere o ensino médio é distinto daquele existente em 1998. É muito claro que o ensino médio vem passando por diversas transformações na sua forma de organização, estrutura, objetivos e currículo, algumas mais amplas, outras menos perceptíveis. Um aspecto que tem permeado o debate sobre esse nível de ensino, quase desde a sua origem no Brasil, é a sua própria identidade, questão que ganha hoje maior relevância.

Sabrina MOEHLECKE (2012) diz que

“após uma rápida expansão nos anos 1990, o acesso ao ensino médio tem se mantido estagnado nos últimos dez anos, juntamente com altas taxas de evasão e repetência, associadas a um baixo desempenho dos alunos em testes nacionais de avaliação. Nesse cenário, a questão da organização curricular, particularmente na forma das novas DCNEM, reaparece como um aspecto importante para mudar esse quadro, especialmente na ênfase em uma proposta mais flexível e diversificada de currículo”. (Moehlecke 2012. p.56)

A questão aqui é referente à construção de uma identidade para o ensino médio atual, é bem verdade que estamos em uma época diferente da década de 1990. No entanto, existem críticas às DCNEM de 2011. Para que possamos obter uma construção de identidade para o ensino médio, é necessário termos um horizonte de possibilidades,

multiplicidade e diversidade de trajetórias possíveis para a melhor construção de um “novo” ensino médio no Brasil.

MOEHLECKE (2012) diz que a capacidade das DCNEM de induzirem novas políticas curriculares, especialmente nas esferas estaduais e municipais, e mesmo nas escolas, é outro aspecto que merece atenção e maior aprofundamento por parte dos estudos na área, particularmente diante da questão federativa no país.

Contudo,

“vale observar, por último, que ainda precisamos ampliar e aprofundar os debates teóricos nesse campo, com um foco no próprio ensino médio e nas suas especificidades, que não se restringem à educação profissional, além de analisar o impacto dessas políticas nos sistemas de ensino e nas escolas, com mais estudos de base empírica, que talvez identifiquem as ressignificações e reapropriações feitas nesse âmbito das políticas curriculares formuladas nacionalmente” (MOEHLECKE 2012, p. 56)

Mudanças na forma de trabalhar os conteúdos na sala de aula podem conectar a escola aos novos tempos e despertar o interesse dos alunos pelos estudos. Digo isto por que sabemos que existe uma heterogeneidade com relação aos jovens.

Segundo o *PARECER HOMOLOGADO*, publicado no D.O.U. de 24/1/2012, Seção 1, Pág. 10, a elaboração de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio se faz necessária, também, em virtude das novas exigências educacionais decorrentes da aceleração da produção de conhecimentos, da ampliação ao acesso de informações, da criação de novos meios de comunicação, das alterações do mundo do trabalho, e das mudanças de interesse dos adolescentes e jovens, sujeitos dessa etapa educacional.

Nos dias atuais, a inquietação da “juventude” que busca a escola e o trabalho, é mais evidente do que no passado. O aprendizado dos conhecimentos escolares tem significados diferentes conforme a realidade do estudante. Logo, a escola e as diretrizes para o ensino precisam ser repensadas, já que esse público que está nas escolas hoje possui novos desafios. Por isso, antes de analisar as falas dos alunos sobre as tecnologias achamos importante contextualizar de forma geral quem são esses jovens.

2.3 Os Jovens e a atualidade

Existe hoje uma nova geração que está dentro de um contexto que abrange a tecnologia. Contudo, é notório que a partir do momento que existe o contato dos jovens com as novas tecnologias, existe uma preocupação do quanto as mesmas podem influenciar na construção de suas identidades.

Neste sentido, Leite (2009) expõe que:

No entanto, o que permite afirmar que jovens e adolescentes são especialmente atingidos por esses enunciados é não apenas o fato de construírem uma geração que conviveu desde sempre com a cultura televisiva que faz do adolescente uma quase onipresença. (LEITE 2009, p. 126)

Diante disso, é importante observar que os jovens da atualidade dialogam bem com as tecnologias, com o computador, a internet, e através de redes sociais rompem barreiras que até então eram obstáculos. É inegável que hoje existe uma nova cultura relacionada com a tecnologia. Para exemplificar melhor, vamos refletir sobre essa questão: Há algum tempo, o máximo que os alunos tinham de inovação era uma TV, onde os professores passavam filmes relacionados aos conteúdos e só. Até a busca pela biblioteca ficou escassa com o advento de pesquisas online nos dias de hoje. Essas possibilidades são interessantes, contudo, será que esses jovens estão preparados para consumir esses produtos tecnológicos de forma crítica?

É certo que não será uma tarefa fácil trabalhar essa questão de tecnologia com os jovens. Apesar de muitos deles estarem em plena conectividade com diversas ferramentas tecnológicas, ligar o conhecimento tecnológico com o ensino aprendizagem requer um estudo significativo. É basicamente se colocar no lugar do jovem e perceber seus anseios e inquietações.

Os jovens como colocamos, pertencem a um conceito muito amplo, e não se dão conta da diversidade que faz parte desse grupo. As diversidades são muitas, como por exemplo, a questão econômica, cultural, etnias, gênero, sexualidade, enfim, uma série de fatores que devem ser analisados. De uma coisa podemos ter certeza, grande parte desses jovens já está inserida na revolução tecnológica.

Segundo Juliana Batista e Rodrigo Ednilson,

Algumas marcas podem evidenciar mais fortemente expressões da vida juvenil. Tatuagens, piercings, pulseiras, bonés, roupas estilizadas, cortes de cabelo. E os mp3's, celulares, fones de ouvido, tablets, notebooks geralmente estão com eles. (Batista e Nilson. 2012. p. 4)

Para buscar compreender esses “novos” jovens, é necessário compreender seu cotidiano, por este motivo é muito importante que as instituições de ensino busquem compreender melhor as culturas juvenis. Trazer o cotidiano dos mesmos para a sala de aula é importante.

São vários os estilos e os posicionamentos, além de diferentes classes sociais, ou seja, um meio totalmente heterogêneo, onde só uma análise significativa pode fazer com que sejam abordados determinados temas em sala de aula, sem haver uma exclusão de um indivíduo.

Nesse sentido,

Nesse contexto, os grupos culturais ganham relevância. Derivadas pesquisas apontam que a adesão a um dos mais variados estilos existentes no meio popular ganha um papel significativo na vida dos jovens. De forma diferenciada, lhes abre a possibilidade de práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se introduzem na esfera pública. (Batista e Nilson. 2012. P. 6)

Para esses jovens, o grupo cultural ao qual estão inseridos é um dos poucos espaços de construção de uma autoestima e afirmação enquanto sujeitos, possibilitando-lhes identidades positivas.

No entanto, as culturas juvenis são diferenciadas, não são homogêneas e como já fora dito, é necessário entender as culturas juvenis para uma melhor abordagem para com o alunado. E o que as tecnologias da comunicação e informação têm a ver com as culturas juvenis? É importante destacar que as possibilidades de interação e produção com as ferramentas tecnológicas como câmeras digitais, celulares, internet, ou seja, os produtos da chamada cultura digital são expressão e fazem parte das culturas juvenis.

Os recursos tecnológicos estão em constante ascensão entre os jovens. O ciberespaço, por exemplo, faz com que os jovens compartilhem maneiras de ser e conviver. Como uma das características da internet é encurtar distâncias, podemos observar que os jovens estão cada vez mais conectados a cultura digital.

Porém não quer dizer que o uso de novas tecnologias no ensino seja um caminho apenas positivo. Até porque surgem questionamentos como: O que os jovens fazem na internet? Como se veem nesse contexto? É importante que se reflita essas questões e procurar relacionar a tecnologia com o ensino. Entender se as plataformas tecnológicas podem ser úteis à vida dos jovens.

As respostas para estes questionamentos só poderemos encontrar se formos a fundo analisar, por exemplo, ciberespaço (internet), entender as mais variadas possibilidades de comunicação, de interação que as ferramentas tecnológicas podem oferecer a sociedade. E conseqüentemente relacionar todas essas questões com o ensino aprendizagem dos jovens.

Juliana Batista e Rodrigo Ednilson dizem que:

Somos desafiados a perceber a tecnologia como elemento constitutivo da cultura juvenil na contemporaneidade. Por isso, não nos basta apenas perceber os *usos* dos instrumentos tecnológicos, mas sim como os aparatos atuam ativamente na composição dos modos de vida juvenis. (Batista e Nilson. 2012. p. 15)

Segundo as PNAD's (Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios), é notório que os jovens acessam mais a Internet que outras faixas etárias. Conveniente destacar também, que o percentual de pessoas que utilizaram a Internet em 2009 foi mais elevado entre aqueles com idade entre 15 a 17 anos (71,1% das pessoas nessa faixa etária, seguidos por aqueles com idade entre 18 e 19 anos (68,7% das pessoas nessa faixa etária). Além disso, cabe enfatizar que a maioria das pessoas (83,2%) aponta que “comunicar-se com outras pessoas” é o principal motivo para o uso da Internet, segundo a PNAD 2009. Porém, em 2005, a principal razão apontada era educação ou aprendizado, que caiu para o terceiro lugar em 2009, entre os objetivos do uso da rede. Isso muito pelo fato do crescimento das redes sócias no mundo cibernético.

Devemos ter em mente que existe um espaço muito grande repleto de textos, imagens, vídeos, a ser explorado e que transforma a maneira de lidar com o conhecimento.

É interessante percebermos, por exemplo, como os grandes sites de busca da Internet, como o Google, são utilizados para os mais variados interesses e perguntas. Trabalhos escolares, indicação de medicamentos, agenda de programação cultural, receitas, rotas de turismo, profissionais da saúde, entre outros.

Tentar trazer esse cotidiano para dentro do âmbito escolar pode servir muito bem no quesito ensino aprendizagem. Mas como analisamos no capítulo anterior, também é importante saber em que medida as tecnologias transformam a maneira de ver o mundo e de sentir dos jovens.

CAPÍTULO 3 - OBSERVAÇÕES E RESULTADOS A CERCA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

3.1 Pensando o espaço de pesquisa - As escolas na cidade de Cajazeiras – PB

Depois de percorrer a discussão acerca das tecnologias e o ensino, e como esse conceito é abordado pelos referenciais curriculares do ensino médio, entendemos que seria importante analisar como as escolas, especificamente professores e alunos percebem essa discussão.

A cidade escolhida para a pesquisa foi Cajazeiras – PB, uma cidade polo na educação, conhecida como cidade universitária. Segundo dados do *IBGE*, Em 2012, Cajazeiras possuía um total de 14. 882 estudantes matriculados, 634 docentes e uma rede de 131 estabelecimentos de ensino. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 2011 das escolas públicas era de 3,9 para os anos iniciais (1ª à 4ª séries) e de 3,0 para os anos finais (5ª a 8ª série).

De acordo com dados da amostra do censo demográfico de 2010, da população total, 17. 887 habitantes frequentavam creches e ou escolas. Desse total, 114 frequentavam creches, 728 estavam no ensino pré-escolar, 235 na classe de alfabetização, 284 na alfabetização de jovens e adultos, 9 010 no ensino fundamental, 548 na educação de jovens e adultos do ensino fundamental, 2. 473 no ensino médio, 568 na educação de jovens e adultos do ensino médio, 81 na especialização de nível superior, 2. 435 em cursos superiores de graduação e 17 cursavam mestrado. 40 559 pessoas não frequentavam unidades escolares, sendo que 7. 110 nunca haviam frequentado e 33. 449 haviam frequentado alguma vez.

No mesmo ano, 9,9% das crianças com faixa etária entre sete e quatorze anos não estavam cursando ensino fundamental. A taxa de conclusão, entre jovens de 15 a 17 anos, era de 48,7% e o percentual de alfabetização de jovens e adolescentes entre 15 e 24 anos era de 95,8%. A distorção idade-série entre alunos do ensino fundamental, ou seja, com idade superior à recomendada, era de 23,1% para os anos iniciais e 40,2% nos anos finais e, no ensino médio, a defasagem chegava a 39,0%. Claro que esses dados já sofreram alterações pelo fato de ter se passado alguns anos da pesquisa feita pelo *IBGE*. Porém, a realidade dos dias atuais não foge muitos destes números.

Tomando-se por base o desempenho do município no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2014 (considerando-se apenas as provas objetivas), a escola com a maior nota foi a Escola Técnica de Saúde, da rede federal, com 576,6 pontos, sendo, a nível estadual, a décima terceira escola com o melhor desempenho no exame naquele ano e a segunda melhor entre as escolas públicas. Em seguida vem o Colégio Nossa Senhora do Carmo, da rede privada, com 547,6 pontos, ficando na 28ª colocação no Estado. Completando a lista das cinco escolas com pontuação acima de 500 pontos no ENEM 2011 estão o Masters Gold Colégio e Curso (na 30ª posição, com 547,2 pontos), o Instituto Federal da Paraíba em Cajazeiras (o 37º colocado com 542 pontos) e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes (na 54ª colocação com 526,9 pontos).

Tendo em mãos essas informações que norteiam em parte a condição de ensino em Cajazeiras, decidi escolher três escolas para realizar minha pesquisa. A ETSC-UFCG rede pública federal; Colégio Nossa Senhora do Carmo rede particular e a Escola Cristiano Cartaxo rede pública estadual.

Nas três escolas analisadas, examinei turmas do 3º ano do ensino médio, pois, são sujeitos com maior faixa etária e que também já estão na fase final do segmento de estudo e possuem uma experiência bem maior e conseqüentemente uma vivência da prática escolar como um todo, possibilitando estabelecer uma relação mais significativa com a experiência escolar e conseqüentemente com o nosso tema de pesquisa.

A escolha de instituições de ensino diferentes também é algo interessante, por que podemos fazer uma espécie de comparação para que possamos entender como as escolas estão pensando e construindo uma relação em torno das tecnologias e o ensino de história. Portanto, nada melhor do que analisar essas três instituições de ensino de caráter distinto.

3.2 Apresentações da Análise das Escolas

As escolas que serão analisadas são bem conhecidas na cidade de Cajazeiras-PB, e tem uma boa aceitação por parte da sociedade. São escolas que segundo os diretores, visam preparar o aluno não somente para o mercado de trabalho, como também para o conhecimento e a entrada dos mesmos em universidades.

As três escolas possuem um significativo número de alunos, mas a escolha não se deu apenas por isso, mas pelo fato de termos três espaços de atuação com administrações diferentes, ou seja, uma é federal, uma estadual e a outra particular. Possibilitando assim, uma visão mais ampla no tocante as NTIC'S e o ensino de história.

A Escola Cristiano Cartaxo de Nível Estadual possui o projeto de ensino integral com cursos profissionalizantes gratuitos. Especializada na educação de ensino médio é considerada pela população uma das melhores escolas a nível público estadual na cidade de Cajazeiras – PB, juntamente com a escola Comercial.

A Escola Cristiano Cartaxo, se situa na Avenida Júlio Marques do Nascimento nº 915 Bairro jardim Oásis, zona leste de Cajazeiras - PB entre os bairros Vila Nova, cristo Rei e Santa Cecília. Segundo o PPP da mesma ela foi construída em 20 de janeiro de 1975 e funcionava com cerca de 700 alunos, além do ensino de primeiro grau, buscava-se formar um ensino profissionalizante com cursos e oficinas de marcenaria, cerâmica, educação para o lar, músicas, dança, coral, e o laboratório de ciências, estes funcionaram até 1999.

Hoje, esta se encontra sobre a direção do professor Vilmar Gomes Pereira, e vice- direção de Vera Lucia Medeiros, com um quadro de 427 alunos em seu total. A maioria é provinda da zona rural e de famílias carentes, a mesma consta com 11 turmas em pleno funcionamento. A Escola tem funcionamento integral, as turmas estão divididas em: Seis do primeiro ano, três do segundo e duas do terceiro no período da manhã. A noite funciona o EJA, Educação de jovens e adultos.

A mesma tem um quadro de 51 professores dentre esses 32 são efetivos e 19 prestadores de serviço. Dos 427 alunos matriculados, observou que 60% são aprovados ao ano, 4 % são reprovados 17% pedem transferência, e 19% deixam de frequentar a escola. Segundo dados do INPE, a escola Cristiano Cartaxo, no último IDEB de 2013 apresentou a nota 3.63.

A escola Cristiano Cartaxo apresenta uma boa estrutura física, é espaçosa, têm quadras poliesportivas, salas grandes com TVs, que possibilitam a utilização de outros suportes didáticos como filmes e vídeos, ventiladores e pequenas janelas, que embora tenham como intuito arejar as salas acabam que não sendo suficientes para climatizá-las, sendo assim quentes e abafadas, motivo de reclamação por alguns alunos, causando desinteresse e incomodo.

Com relação às tecnologias existentes, posso me referir ao uso de retroprojektor, laboratório de informática com internet, televisão acoplada em sala de aula, caixas de som, ou seja, o que é de mais básico com relação a aparelhos tecnológicos na escola.

A Escola Nossa Senhora do Carmo, localizada na Rua Germiniano de Sousa nº 221 no centro de Cajazeiras é de nível particular bem conhecida na cidade e tem respaldo da sociedade, atendendo do ensino infantil até o ensino médio. O Carmelita, que é assim conhecido na cidade de Cajazeiras e região, tem uma história de 71 anos, é considerado um dos melhores do estado, e a prova disso é que a instituição de ensino sempre é destaque entre as redes privadas de ensino pelas notas referentes ao ENEM. Atualmente, o colégio possui 30 salas de aula climatizadas, laboratório de informática e de química, ambos muito bem equipados e garantem um bom espaço no que tange o ensino aprendizagem. Proporciona uma estrutura com segurança monitorada por câmeras em toda extensão da escola. Hoje, o colégio Nossa Senhora do Carmo¹ possui cerca de 600 alunos. Em sua grande maioria são alunos de classe média e alta da cidade de Cajazeiras – PB e região.

Ainda com princípios religiosos, essa instituição de ensino é referência de aprovação no vestibular, possui uma estrutura grande e consegue fornecer aos alunos, ferramentas tecnológicas básicas, bem mais equipadas do que a escola Cristiano Cartaxo, praticamente todas as salas dispõem de retroprojetores, entre outras ferramentas referentes às NTIC's.

Por último, a Escola Técnica de Saúde, de Nível Público Federal, localizada na rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, nas casas populares, Cajazeiras – PB. Esta instituição escolar fica dentro da dependência da UFCG, portanto, fica dentro do espaço universitário e é bem familiarizado com os princípios da Universidade. A Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras (ETSC) tem sua origem no Curso Técnico de Enfermagem autorizado pelo Conselho Estadual de Educação da Paraíba, o qual passou a funcionar no Colégio Diocesano Padre Rolim a partir de janeiro de 1975. Em 1980, tal curso foi incorporado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com funcionamento no Centro de Formação de Professores (CFP) no seu campus de Cajazeiras. A criação da então

¹ Na análise da escola Nossa Senhora do Carmo não consegui fazer um levantamento mais profundo, pois, a direção na época das análises, não dispunha de tempo e ficou muito difícil relacionar a estrutura tecnológica com o PPP da referida Escola.

Escola Técnica de Enfermagem Maria Leticia Botelho foi aprovada pelo Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba em 12 de Dezembro de 1996. Finalmente, em 2004 deu-se a aprovação da atual designação - Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras.

A ETSC integra a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica vinculando-se ao Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Tecnológica - SETEC. Atualmente a ETSC é vinculada à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e oferta os cursos: TÉCNICO EM ENFERMAGEM, TÉCNICO EM SAÚDE BUCAL, PROEJA e ENSINO MÉDIO, os quais atendem a diversos municípios do sertão paraibano e estados circunvizinhos, como Ceará e Rio Grande do Norte.

Falando especificamente do ensino médio, pude constatar que as salas de aula desta modalidade de ensino são espaçosas, climatizadas e possuem retroprojetores em todas as salas, o fato da instituição escolar ser dentro das dependências da UFCG/CFP ajuda aos alunos a obterem salas apropriadas, laboratório de informática com inúmeros computadores à disposição. A ETSC/UFCG é referência em Cajazeiras – PB, e também no estado da Paraíba por obter uma média excelente no Exame Nacional do Ensino Médio. No entanto, esta pesquisa detectou que as mesmas ferramentas tecnológicas que são usadas nas outras duas escolas analisadas, são objeto de prática pedagógica também na ETSC-UFCG.

Isso nos demonstra que apesar das NTICs serem bem aceitas pelas escolas analisadas, seu uso ainda é bastante “experimental”. É preciso rever que ferramentas tecnológicas são essas, o que pode existir na escola de útil com relação a essa questão. O que elas entendem por novas tecnologias digitais?

Com relação a essa questão é necessário deixar bem claro qual é o contexto das ferramentas tecnológicas que estão à disposição dos professores e alunos. Para os pesquisadores da área as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), "são um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções tecnológicas, a simplificação da comunicação nos processos de negócios, da pesquisa científica, de ensino e aprendizagem". Correspondem a todas as tecnologias que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos dos seres. Podem ser ou não baseadas em computadores ou em tecnologias atuais. Crispim (2013), diz que a maioria delas caracteriza-se por agilizar, horizontalizar e tornar menos palpável (física-

mente manipulável) o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes de telecomunicações e similares, para a captação, transmissão e distribuição de informação multimídia (texto, imagem, vídeo e som). Considera-se que o advento destas novas tecnologias possibilitou a emergência da sociedade da informação.

Segundo Márcio Balbino Cavalcante

São essas novas tecnologia que permitem a preparação e manipulação contígua de teores específicos por parte do professor/aluno (emissor) e do aluno/professor (receptor), codificando-os, decodificando-os, recodificando-os conforme as suas realidades, as suas histórias de vida e a tradições em que vivem; permitindo um entendimento mais eficaz, alternando os papéis de emissor e receptor, como co-protagonistas e contribuintes da ação cognitiva. Nos dias de hoje, os diferentes usos dessas mídias (tecnologias) se confundem e passam a ser característicos das Tecnologias de Informação e de Comunicação, que mudam os padrões de trabalho, do lazer, da educação, do tempo, da saúde e da indústria e criam, assim, uma nova sociedade, novas atmosferas de trabalho, novos ambientes de aprendizagem. (Cavalcante, 2016)

Assim, cria-se um novo tipo de aluno, que necessita de um novo tipo de professor, sendo este ligado e comprometido com o que esta acontecendo ao seu redor.

Segundo Márcio Balbino Cavalcanti, assistimos hoje a uma imensa possibilidade de compartilhamento de informações, porém muitas vezes de forma aleatória, mas quando utilizamos essas informações para o trabalho em equipe estamos desenvolvendo as Tecnologias colaborativas. Assim, em que medida professores e alunos estão utilizando essas tecnologias de forma interdisciplinar, ou seja, compartilhando material e pensando a sua atuação em um projeto comum, otimizando a colaboração e o trabalho? Essas são algumas questões que queremos analisar.

As turmas escolhidas para a pesquisa foram a do 3º ano do ensino médio como relatei anteriormente, tanto no Cristiano Cartaxo quanto no Nossa Senhora do Carmo, escolhi alunos de turmas diferentes, 3ª ano “A” e “B” e na ETSC-UFCG a pesquisa foi feita em turma única, por a mesma possuir apenas um 3º ano do nível médio.

Nesta temática de pesquisa que busca compreender como está sendo pensado o uso das novas tecnologias, com destaque especial ao ensino de história, trabalharei com entrevistas com professores e alunos do ensino médio.

As entrevistas foram feitas através de questionários propostos para professores e alunos, com perguntas que evidenciem a proposta do uso das Novas Tecnologias e a relação dos alunos com as mesmas. Apesar de analisar questionários, também houve

conversas informais, e pensando sobre este tipo de análise vejo que é muito importante, pois, os entrevistados estão vivendo a realidade estudada e podem de forma significativa contribuir para o desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, ao enveredar em uma pesquisa por meio de entrevistas sempre pode haver possibilidades de ampliar nossos conhecimentos acerca das relações entre história e memória, assim como dos imaginários e mentalidades individuais.

Assim, analisamos os questionários e falas dos alunos, preferimos organizar em ordem por escola, pois também é o nosso objetivo perceber as diferenças ou não de acordo com cada grupo que frequentam as escolas da pesquisa.

3.3 Observações dos alunos do Cristiano Cartaxo

A Escola Estadual Cristiano Cartaxo, conhecida como polivalente na cidade de Cajazeiras-PB, além do ensino regular, propõe em turno diferente cursos profissionalizantes que são bem quistos pela sociedade local. Cursos como Técnico em Computação, Edificações, Técnico administrativo.

Esse modelo faz parte do Ensino Médio Integrado que surge como uma preparação técnica objetivando a inserção da juventude no mercado de trabalho. Porém, é necessária uma análise para averiguar se a formação que estes alunos recebem cumpre realmente com este objetivo. "Em uma sociedade flexível, pautada no mercado de trabalho, a educação tem que cumprir com a formação dos jovens com a finalidade de ocupar futuras vagas neste sistema". Esta afirmação está presente na Lei de Diretrizes e Bases de Educação (LDB) do ano de 1996. Consta em seu conteúdo que a formação do Sistema de Educação deve ser voltada a formação para o mercado de trabalho e para a cidadania.

Todavia, esta modalidade de ensino contém problemáticas estruturais, assim como toda a educação no Brasil, isso nos leva a pensar se a educação está realmente cumprindo com seu objetivo, disponibilizando aos alunos um ensino de qualidade que os leve a inserção no mercado de trabalho? Quais as perspectivas destes alunos?

Além disso, são muitas as reclamações baseadas na falta de estrutura para se efetivar o ensino integral, não existem espaços apropriados, como banheiros para banhos, salas de descanso e o mais básico almoço para os alunos que moram longe. Enfim, exis-

te um distanciamento das disciplinas e da parte do curso técnico. Mas, o nosso objetivo é analisar especificamente as tecnologias e seus usos no ensino de história.

A partir das falas dos alunos, percebemos uma visão positiva no que refere ao ensino de história e a inserção das Novas Tecnologias. Podemos observar que tanto professor como alunos estão bem situados a respeito deste tema. No entanto, as ferramentas tecnológicas que os alunos conhecem são as mais simples, como: Datashow, televisão, caixa de som, computador com uso da internet, enfim o mais básico possível.

A respeito do ensino de história, os alunos em sua maioria gostam da disciplina, até mostrando entusiasmo, estão abertos a aprofundar o conhecimento relatando que a professora sempre mostra a importância de estudar história para compreender o cotidiano.

Os alunos do Cristiano Cartaxo relatam que a professora eventualmente usa recursos tecnológicos para ministrar a aula. O que me deixou bastante curioso foi à forma com que os alunos do 3º ano encaram a inserção das Novas Tecnologias em sala de aula. Os educandos relataram em sua maioria que são totalmente a favor do uso das NTIC'S, pois, segundo os mesmos sair da "monotonia" é essencial para criar um ambiente mais construtivo, dinâmico e produtivo, ou seja, as inovações são bem vindas pelos alunos. Todavia ao ler todos os argumentos contidos nos questionários consigo notar que além da posição favorável as NTIC'S, existe também certa tolerância ao uso destes recursos, é necessário que tanto professores como alunos saibam distinguir os momentos que sejam oportunos a inserção das NTIC'S em sala de aula.

Os alunos de fato querem o uso de ferramentas tecnológicas, porém sem que se torne algo corriqueiro. Um dos alunos de forma bem interessante diz que,

“a sala de aula precisa ser mais dinâmica, havendo uma interação maior entre aluno e professor, segundo o mesmo o professor precisa instigar cada vez mais os estudantes, deixar inovar sua competência e instigar o aprendizado de cada aluno.”

Outro ponto interessante é a questão da rápida informação, no questionário os alunos mostram que estão "cansados" do modelo ler e copiar, e buscam cada vez mais praticidade e informações rápidas e objetivas. Para alguns professores isso pode se tornar um problema, a questão da juventude dos dias atuais, onde apenas em um clique de

um mouse o mundo de informações de variadas categorias fica a disposição. Onde fica o professor? Qual o seu papel?

É notório que nem todos os profissionais da educação são familiarizados com as NTIC'S, porém se o professor deseja utilizá-la deve ter o cuidado, a formação e a preparação para tal recurso, pois não basta utilizar por utilizar, os alunos precisam, assim como os professores entender que fontes, metodologias e aparatos tecnológicos partem de um lugar de interesse e de poder. Além disso, alguns desses recursos se utilizados apenas como ilustração pelo professor não irá contribuir de fato para o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, os jovens desta escola dão sugestões no questionário para usar as tecnologias para um melhor aprendizado, com sons, imagens e vídeos que possam proporcionar uma melhor visualização dos conteúdos. Não podemos esquecer também que a relação que os jovens possuem com as tecnologias é permeada pelo entretenimento, pela busca de soluções rápidas, por isso, a importância em se discutir os lugares de produção desses recursos.

3.4 Observações dos Alunos do Nossa Senhora do Carmo

Com relação aos alunos do Nossa Senhora do Carmo, sobre o ensino de história é praticamente a mesma, com a diferença de que o professor dispõe de métodos de trabalho variados.

Não somente restringido ao uso das Novas Tecnologias, como também com a instigação aos alunos através de perguntas frequentes, diálogos, uma maciça interação professor e aluno. Segundos os próprios alunos do 3º ano do Nossa Senhora do Carmo relatam, as aulas de história não têm nada de cansativo, sempre mostrando ser um espaço dinâmico com interação constante.

O fator de conhecimento das Novas Tecnologias é bem exposto pelos alunos. Assim como os alunos do Cristiano Cartaxo os educandos do Carmelita, mostram que trabalham com Datashow, TV, Rádio, computador com internet com frequência. Alguns atributos que Marcos Silva (2012), nos apresenta como ferramentas pedagógicas legítimas. Como trabalhei com inúmeros questionários, pude observar com atenção cada relato do alunado. É interessante que existe no Carmelita certa preocupação com o ensi-

no/aprendizagem, por parte dos alunos. Alguns educandos evidenciam que alguns professores usam do artifício de colocar um vídeo, documentário, trechos de músicas, para não ministrar a aula de forma coerente, sem explicação, questionamentos, debates sobre determinados assuntos.

Então, voltamos àquela questão de que não adianta equipar a escola tecnologicamente, se o método de ensino continua o mesmo. As ferramentas tecnológicas podem auxiliar sim o professor, mas tem de haver compromisso e preparo adequado para expor conteúdos aos alunos. É unânime entre os alunos entrevistados que o uso das NTIC'S ajuda ao professor a explicar melhor o conteúdo, que traz sempre os recursos à sala de aula. Podemos notar o constante desejo de uma aula mais dinâmica, desejo este que permeia o imaginário de alunos e professores no dia a dia. Porém com a mesma ressalva de não usar tecnologia de uma forma corriqueira, e não produtiva.

O público das instituições de ensino está cada vez mais exigente, é o exemplo de uma geração que está em constante transformação e que as escolas buscam adotar um regime que consiga impactar os alunos com relação ao seu cotidiano.

No questionário, podemos observar que os alunos colocam sugestões diferentes, alguns apostam no uso das tecnologias e outros relatos mostram certa preocupação, por ainda ser um método que enfrente obstáculos na comunidade escolar.

3.5 Observações dos Alunos da ETSC-UFCG

Ao aplicar o questionário na ETSC-UFCG, percebi que os alunos já estão bem familiarizados com a vida acadêmica pelo fato da instituição de ensino ficar dentro da própria Universidade Federal, ou seja, já se adaptam ao local e observam os estudantes das graduações. Em conversa com os mesmo pude notar que o desejo de todos é ingressar no ensino superior para construir uma carreira.

Mais uma vez, é explanado pelos alunos que as aulas de história são bem produtivas e a professora é citada de forma significativa na pesquisa. As aulas de história contam com interação de professor e aluno constantemente, assuntos fora dos livros didáticos são trazidos pela professora.

As NTIC'S também são bem conhecidas pelos alunos do 3º ano da ETSC-UFCG. No entanto, são os mesmos recursos das escolas anteriores, mostrando que o uso das novas tecnologias está apenas engatinhando na cidade de Cajazeiras-PB.

As que estão em uso, são aprovadas pelos alunos, sempre elencando que imagens e vídeos são muito importantes para uma melhor compreensão do conteúdo, no entanto a questão de transformar as NTIC'S como algo monótono é algo que preocupam os alunos. A simbiose entre o novo e o tradicional é notada na forma com que os alunos respondem aos questionários.

É de fato fácil entender essa questão, pois, romper com o tradicional não é nada fácil, é preciso desenvoltura para o professor fazer uma aula diferente, isso em todos os sentidos, não só falando do uso das NTIC'S, existe ainda resistência por parte da direção escolar e professores. E por que não também dos alunos, pois os mesmos nos questionários das três escolas analisadas apontam pontos positivos e negativos em relação às NTIC'S em sala de aula.

Apesar de a pesquisa ter sido feita em apenas um ano específico, é bastante ilustrativa, pois é o último ano que os jovens frequentam. Posteriormente muitos estarão em universidades, no mercado de trabalho, cursos técnicos e etc.

Em uma fala um dos alunos da ETSC-UFCG relata que, “O uso de Novas Tecnologias no ensino é ainda uma barreira a se quebrar, pelo fato de haver consequências com o uso inapropriado deste recurso”. Entendo que a gana por algo diferente, por uma aula diferenciada é sempre bem vinda a esta geração da tecnologia. Para atender esta demanda a instituição escolar deve estar preparada para o real desejo dos alunos, estes jovens estão em um mundo repleto de figurações, diferentes “tribos” juvenis que constrói uma identidade.

Não é impor aos alunos uma série de ferramentas tecnológicas, pois como vimos anteriormente alunos do Nossa Senhora do Carmo apresentaram o seu professor de História como inovador sem que seja usado determinados recursos. É claro que se tratando da pesquisa em si, é muito importante saber se as NTIC'S têm ajudado os professores e alunos, pois, é algo novo a se pensar. Se por acaso a escola não obtiver êxito com relação à metodologia usada pelo professor, é necessário que se repense seus conceitos até criar um ambiente propício e significativo ao aluno no que se refere o Ensino/aprendizagem.

A questão é que as palavras praticidade, dinâmica, facilitar estão em comunhão com o uso das NTIC'S, porém com as ressalvas dos próprios alunos.

É claro que é sempre difícil criar ou estabelecer uma nova cultura escolar, haja vista que a maioria das escolas segue a cartilha, o padrão dos currículos. Tendo em vista como a sociedade sofre um ritmo muito forte de modificações, a escola e principalmente o ensino de história precisam acompanhar este processo de modificação.

Por tudo isso, a questão da inserção de recursos tecnológicos em sala de aula como um meio de buscar alternativas para o ensino aprendizagem é algo que pode ser analisado como uma nova prática pedagógica.

3.6 Apresentação e relato sobre os questionários dos Professores de História

Analisamos as falas dos alunos e suas percepções com relação ao uso das tecnologias no ensino. Percebemos que os alunos se posicionam com certa cautela com relação ao tema. Achamos também importante entender como os professores se posicionam e como pensam o uso das tecnologias nas aulas de história. Apresentaremos brevemente quem foram os personagens entrevistados:

- O Professor J – Professor do Colégio Nossa Senhora do Carmo, 28 anos graduado em História pela UFCG/Campus Cajazeiras, sua escolha teórico-metodológica não foi bem definida, sendo que o mesmo relata que procura usar ao máximo o espaço que lhe é dado pela escola, usando tanto ferramentas novas como as mais simples.
- Professora L – Professora do Colégio Cristiano Cartaxo, 53 anos graduada em história pela UFPB Cajazeiras em 1980 (ainda não havia a desmembração da UFPB e UFCG), tem especialização em Metodologia do Ensino. Também não fica clara a escolha teórica metodológica da mesma. No entanto, a professora demonstra que procura sempre desenvolver o senso crítico do aluno, procurando sempre inovar em sua metodologia, trazendo questões interdisciplinares e transversais, no caso em si o ensino de história é trabalhado com os alunos de forma que os mesmos entendam a importância dos conteúdos históricos.

- Professora T – Professora da (ETSC-UFCG), 38 anos mestre em história pela UFPB João Pessoa, como os outros dois professores não possui uma escolha teórico-metodológica definida ou fixa. A Professora T fala que herdou de alguns professores da graduação uma grande simpatia pela *Nova História* e seus mais variados temas e, sempre busca inseri-los em suas aulas de forma dialógica, da melhor maneira possível.

Ao analisar os questionários referentes aos professores de história das três escolas pesquisadas, pude observar que apesar de haver pequenas discordâncias, em um contexto geral, há muitas ideias em comum, mas também existem diferenças como na formação docente dos professores. No entanto, ao ver a trajetória exposta pelos professores podemos concluir que todos concordam com a assertiva de que o tempo de prática é fundamental para a construção de uma identidade docente. Relatos como a da Professora L (Cristiano Cartaxo), mostra a dificuldade imposta a mesma na época da ditadura militar, mesma relata: “a falta de liberdade em sala de aula e conseqüentemente a falta de motivação para sair do tradicionalismo e aplicar uma aula mais dinâmica foi uma questão difícil para mim”.

Analisando os três professores, percebemos que a professora L é a que mais possui experiência na docência. Outra informação importante é que o professor J é o professor de uma instituição particular, enquanto as outras duas professoras são "concurtidas", ou seja, são funcionárias públicas. Essa é uma questão importante, já que o professor J responde diretamente à dinâmica "imposta" pela escola.

Com relação ao ensino de história nas instituições, pode-se observar nas falas dos professores que este ensino é visto como um ensino primordial para o processo de ensino aprendizagem, já que no dia a dia escolar há questionamentos dos jovens ao relacionar acontecimentos atuais com o passado. Isso demonstra que os professores colocam o ensino de história como essencial para formar o aluno um cidadão consciente, participativo, sempre intervindo de forma crítica nos assuntos da sociedade.

Nota-se uma preocupação dos professores com relação ao ensino de perspectivas positivistas e que abordam a história de maneira “engessada” e pouco crítica. Tomo como exemplo a fala da professora T que diz,

“O ensino tradicional é aquele onde não espaço para questionamentos ou criticidade. Os alunos devem ser estimulados a pensar por si mesmos e se debruçar sobre a história sempre atentos aos vários olhares que ela oferece.

Eles devem saber discorrer sobre os significados dos fatos e não simplesmente decorá-los, como infelizmente ainda podemos ver por aí, em muitas escolas. Durante muito tempo o ensino de história se limitou a grandes feitos e grandes homens. A história é muito mais que isso! Ela se desenrola de diferentes formas. Ela vai dos grandes campos de batalha aos pequenos quintais. Ela é feita por velhos, jovens, heróis, pessoas comuns, homens, mulheres, brancos, amarelos e pretos... Enfim, ela extrapola os documentos oficiais e se faz presente nas mais diversas fontes e lugares. Isso pra mim é superar a história tradicional.”

Segundo os professores, a escolha teórico-metodológica dos mesmos é satisfatória, muito pelo fato de anos de prática que ajudaram a criar sua própria metodologia sempre lembrando o que foi repassado em sua graduação.

Mais uma vez percebemos que os professores enfatizam a importância da experiência, da prática em sala de aula. Também concordamos que o fazer pedagógico e a identidade docente são construídos ao longo de uma carreira profissional, porém, já é quase naturalizado a ideia de que a prática sobrepõe a reflexão e a importância de se pensar teoricamente o lugar da docência. Selma Garrido Pimenta e Maria do Socorro Lucena, ao discutirem sobre as diferentes concepções de estágio e docência não deixam dúvidas que essas concepções quase sempre apontam para uma percepção limitada dos estágios entendidos como a parte prática dos cursos desassociada das reflexões teóricas. Essa percepção acaba sendo alimentada ao longo da carreira docente.

O espaço de ensino tradicional é referenciado no questionário, as opiniões dos professores são bem definidas. Segundo a análise feita dos questionários, para os professores, o ensino tradicional é aquele onde não há questionamentos por parte dos alunos, o educando é um mero receptor e não produz conhecimento histórico, aquela velha história da história positivista ainda o século XIX.

A Professora L nos deixa claro que muitas vezes isso acontece pelo fato de haver resistência por parte de alguns professores em inovar, sair da zona de conforto é algo obscuro ainda para alguns profissionais da educação. Mas é necessário pensar que o mundo está em constante transformação, e por este motivo é preciso que o professor coloque seus conceitos inovadores em relação aos conteúdos e fazer com que o ensino aprendizagem seja mais flexível a mudanças e inovações.

É bem verdade que as novas tecnologias estão influenciando o comportamento da sociedade contemporânea e transformando o mundo em que vivemos. Todavia, é

comprovado que o uso de ferramentas tecnológicas desconectadas de um projeto pedagógico, não será algo que possa ajudar no processo que possa visar solucionar os problemas existentes no ensino.

Angela Carrancho diz que,

por mais contraditório que possa parecer, a mesma tecnologia que viabiliza o progresso e as novas formas de organização social também tem um grande potencial para alargar as distâncias existentes entre os mundos dos incluídos e dos excluídos. (Carrancho 2011. p.539).

Sabemos que no Brasil não há um projeto bem definido para incluir o indivíduo no mundo digital, no papel existem alguns projetos, mas na prática os jovens aprendem no seu dia a dia a manusear ferramentas tecnológicas. Com os professores não é diferente, é certo que existem alguns projetos como o PROINFO para ajudar o profissional da educação a manusear as tecnologias, mas nem todos os professores alcançam bons resultados em relação a essa questão.

O PROINFO é um programa desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância (SEED), através do Departamento de Infraestrutura Tecnológica (DITEC), em parceria com as Secretarias de Educação Estaduais e Municipais. O qual funciona de forma descentralizada, pois, cada Unidade da Federação abriga uma Coordenação Estadual do ProInfo que, por sua vez, tem como objetivo introduzir o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas da rede pública, além de articular as atividades desenvolvidas sob sua jurisdição, em especial as ações dos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE). A Escola Estadual Cristiano Cartaxo possui o proinfo, porém o aperfeiçoamento em si ainda deixa muito a desejar, no entanto o manuseio com o computador é bastante evidenciado.

Existe uma questão dúbia quando se trata de um discurso que se refere ao uso das Novas Tecnologias e o que as escolas oferecem como suporte tecnológico.

Na verdade, há uma diferença existente entre o discurso oficial sobre a inserção de tecnologia na prática pedagógica com aquilo que é realmente oferecido na grande maioria das escolas. Mais do que aparelhar uma escola com toda a parafernália tecnológica deste início de século é necessário que se saiba o que fazer com ela para que não sejam repetidos os equívocos cometidos pelos modismos ocasionais ou pelos aproveitadores que, se alimentam da eterna crise da educação brasileira. (Carrancho 2011. p.539)

Interligando essa informação com os discursos dos professores analisados, nota-se que as escolas oferecem sim um suporte significativo para que o professor trabalhe as NTIC'S em sala de aula. A questão é a opinião e o modo de usar de cada professor. O Professor J (Nossa Senhora do Carmo), por exemplo, rela que: “uso a tecnologia em sala de aula de uma maneira bem simples”, e em seu relato é notória a preocupação do mesmo com determinados recursos que venham a substituir o professor de alguma maneira. A escola oferece suportes simples para inserção de tecnologia em sala de aula, no entanto dificilmente os professores passarão por uma formação nesse quesito, nem mesmo na graduação.

Na referida escola podemos constatar que os computadores na sala de informática estão em boa conservação. Diferentemente da escola Estadual Cristiano Cartaxo. É necessário que haja um técnico eventualmente nas escolas para que se possa fornecer o melhor material possível para professores e alunos.

Segundo os questionários, os professores são a favor do uso das NTIC's. No entanto, as falas dos professores são bem contundentes com reação a tecnologia. São ferramentas fundamentais nos dias atuais, porém não essências.

Moran (1998) diz que, nunca tivemos tantas tecnologias fantásticas de comunicação e, ao mesmo tempo, é um desafio encontrar o ponto de equilíbrio entre o deslumbramento e a resistência tão comuns entre muitos educadores.

Esta resistência é revelada tanto pelos resultados de inúmeras pesquisas quanto pelos mecanismos de defesa com relação ao enfrentamento das tecnologias por parte de um número significativo de professores de diferentes seguimentos em sua prática profissional.

Carrancho (2011) nos diz que a ausência deste hábito de usar as tecnologias, por diferentes motivações ideológicas, financeiras, metodológicas, de tempo, etc, reflete alguns ângulos da questão da subutilização da tecnologia em sala de aula, na medida em que não haja um projeto pedagógico bem-estruturado que garanta uma práxis profissional efetivamente transformadora.

Para que a utilização de tecnologias no processo ensino aprendizagem rompa as barreiras do tecnicismo e do modismo, é necessário se ter clareza das intenções e objetivos pedagógicos, ou seja, da intencionalidade das ideologias que estruturam os projetos pedagógicos e que determinam a práxis pedagógica.

Ao analisar as escolas juntamente com os atores principais (professores e alunos), reflito que, para a inserção das tecnologias seja realmente algo produtivo é preciso que os professores se apropriem da importância de seu papel social e tomem o controle do fazer pedagógico, trazendo para a sua prática tanto o novo quanto as mudanças necessárias para assimilá-lo de forma seletiva e crítica.

As tecnologias eletrônicas têm definido, em boa parte, o nosso modo de pensar e de agir. Carrancho (2011) relata que “A escola é um espaço formal de educação e está sendo cobrada quanto à inserção dos recursos tecnológicos na prática pedagógica. O que defendemos é a ideia de que a inserção dos recursos tecnológicos nas escolas depende em boa parte da atuação dos docentes”.

Para que o professor se sinta preparado para trabalhar com as novas tecnologias, é necessário qualificação. Por meio da qualificação o docente poderá se descobrir como parceiro do estudante e um facilitador do processo de ensino aprendizagem. O aluno de hoje é um nativo digital, parece possuir habilidades natas para lidar com as tecnologias.

Falando mais precisamente ao ensino de história, surge um horizonte para uma nova forma de ensino aprendizagem, mas que se faz necessário primeiramente uma concepção de história definida pelo professor e, depois, uma articulação entre teoria que é o saber e a metodologia que é o como fazer.

Segundo Carlos Augusto Lima Ferreira,

o ensino de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo, qualificando-o para ser, dentro deste processo, um cidadão pleno, consciente e preparado para as novas relações trabalhistas. Para que isto aconteça, este ensino deve estar em sintonia com o nosso tempo. (Ferreira, 1999 p. 146)

O professor ao perceber o universo de sua sala de aula e cultura juvenil pode prover várias possibilidades para o ensino de história e novas tecnologias. Com a riqueza de recursos, com sons e imagens, abre-se um universo que possibilita maiores explorações e integrações de ideias por parte dos alunos. Pensar o ensino de história junto com a tecnologia é um caminho possível para desenvolver o social, sempre buscando a formação histórica do aluno. A tecnologia não pode ser vista como mera concepção tecnicista é preciso alongar estes horizontes.

Embora alguns ainda se sintam inseguros e despreparados, muitos educadores já perceberam o potencial dessas ferramentas e procuram levar novidades para a sala de

aula, seja com uma atividade prática no computador, com videogame, tablets e até mesmo com o celular.

O fato é que o uso dessas tecnologias pode aproximar alunos e professores, além de ser útil na exploração dos conteúdos de forma mais interativa. O aluno passa de mero receptor, que só observa e nem sempre compreende, para um sujeito mais ativo e participativo. O ideal seria testar as novas tecnologias e identificar quais se enquadram na realidade da escola e dos alunos.

Em uma época da informação instantânea, muitas vezes desprezando o conteúdo da informação em si, trabalhar com imagens, sons, vídeos, documentários que apresentem os acontecimentos de uma forma mais “viva” pode ser uma saída para apresentar o ensino de história de forma diferenciada.

Ao analisar a estrutura de cada escola percebi que as instituições de ensino analisadas propiciam aos professores certa estrutura para o uso das NTIC's, apostando em um ambiente mais dinâmico. No entanto, como podemos observar no decorrer desta pesquisa, o uso das novas tecnologias está apenas no início, e é preciso de algum tempo para refletir se houve resultados significativos na questão do ensino aprendizagem.

Uma informação bastante importante a esse respeito é o relato da professora T (ETSC – UFCG), a mesma já fez trabalhos para produção de documentários com os educandos, e está participando de um projeto de extensão denominado de CINESTC, que trabalha através do cinema e leitura de textos assuntos dos mais variados, com participação de professores de diversas áreas, dessa maneira trazendo a interdisciplinaridade para o meio escolar. Uma maneira inovadora que pode produzir bons resultados no futuro.

CONCLUSÃO

As novas tecnologias inseridas em sala de aula sejam elas o computador, o projetor, internet, jogos eletrônicos, onde o professor de história pode observar um leque de possibilidades, são de fato ferramentas positivas para auxiliar o processo de ensino aprendizagem. Com uma formação voltada para área inovadora o professor pode buscar novas metodologias para usar no seu dia a dia para promover um novo cenário, ou um cenário mais adequado a realidade dos alunos.

Pode-se concluir que as NTIC's estão sendo usadas como ferramentas de apoio, nunca será um fator de substituição do professor. Neste trabalho consegui perceber que os alunos entrevistados através de questionários são favoráveis ao uso de tecnologias no ensino de história até certo ponto, os mesmos tem receio de que os professores usem as tecnologias de forma corriqueira e tradicional, no entanto podemos notar que os alunos apoiam o uso de modo adequado, podendo gerar uma aprendizagem significativa, aumentando a criatividade e motivação dos alunos, transformando a sala de aula dinâmica, interativa e produtiva.

A Tecnologia vem para proporcionar praticidade no meio social, no mundo e na educação pode proporcionar uma busca de qualidade, uma aposta a ser considerada. Obtendo inclusão e dinamização no processo ensino aprendizagem, mas sempre lembrando que da mesma forma que o uso da tecnologia na educação pode obter vantagens, pode também atrair recuos. É preciso uma formação mais significativa, projetos que norteiem este processo de busca incessante do professor por um ensino produtivo e inovador que possa propiciar resultados positivos na educação, não só na cidade de Cajazeiras, mas em todo território brasileiro.

Encontrei algumas dificuldades na pesquisa, pois, é um tema ainda novo e apesar de alunos e professores estarem familiarizados com as tecnologias é notório que o conceito das tecnologias ainda não está bem exposto, principalmente os jovens, no entanto não é uma constatação negativa, pois, sabemos que os jovens partem de um lugar diferente dos professores.

É bem verdade que qualquer que seja a inovação tecnológica imposta no mundo traz certo desconforto àqueles que, apesar de terem familiaridade, ainda não a entendem, principalmente no contexto educacional. As tecnologias não são apenas produtos

de mercado, mas produtos de práticas sociais. São primeiramente observadas no meio social pra que depois se transforme em um produto mercadológico

Nos dias atuais uma sociedade sem uma “alfabetização tecnológica” corre risco de ficar para trás. O mundo contemporâneo exige uma sociedade que precisa de comunicações instantâneas, multimídias, e encurtar as distâncias, tendo a capacidade de seleção e tratamento de informações, visando à solução de problemas. Esta sociedade exigida pelo momento atual não permite nem tolera a possibilidade de uma ignorância dos recursos tecnológicos que se ampliam, tornam-se mais complexos e, ao mesmo tempo, rapidamente obsoletos.

Contudo não basta aprender apenas a comandar ou operar essa tecnologia que consumimos cada vez mais, não basta operar bem um computador ou determinado programa se logo ele será renovado para outro mais moderno. O mais importante é saber os princípios de funcionamento desses recursos para poder reaprender suas novas formas e possibilidades. É saber como transformar todo esse aparato tecnológico em soluções para problemas sociais, por exemplo, a tecnologia precisa ser compartilhada e não ser utilizada como separador social. E para pensar esses recursos de forma igualitária a escola é o espaço primordial para tais questões.

Em síntese não basta engrossar o discurso que as tecnologias atrapalham a sala de aula, principalmente o celular com as redes sociais, é preciso pensar como esses meios podem ajudar a construir sujeitos mais críticos e preparados para viver socialmente.

Enfim, escrever esse trabalho foi também uma forma gratificante de analisar inquietações que me acompanhavam, confesso que não esperava que escrever e pesquisar fossem atividades tão complexas. Nesse caminhar da escrita desse trabalho percebi as inúmeras questões que poderiam ser melhor analisadas ou até mesmo que não foram pensadas, afinal, uma pesquisa nunca acaba.

REFERÊNCIAS

ALAVA, Seraphin. **Ciberespaço e formações abertas: rumo à novas práticas profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/idb.pdf>> Acesso em 20/11/2015.

BRASIL. MEC. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **O papel da educação na sociedade tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio (1ª parte)**. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999, p. 23-70.

BATISTA, Juliana e EDNILSON, Rodrigo. **Projeto Diálogos com o Ensino Médio Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI**. Novembro, 2012 - Culturas Juvenis e Tecnologias. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/jubemi/pdf/modulo04_01.pdf> Acesso em 15/02/2016.

CARRANCO, Paulo. **Entrevista ao site IG Ultimo segundo**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-01-06/nao-se-muda-a-realidade-da-escola- apenas-mexendo-no-curriculo.html>> Acesso em 16/12/2015

CAVALCANTE, Marcio Balbino Cavalcante. **A Educação Frente às Novas Tecnologias: Perspectivas e Desafios**. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp149.htm>> Acesso em 25/01/2016.

CRISPIM, José. **TIC vs NTIC – Conceitos Fundamentais**. Publicado em julho de 2013. <http://www.jose-crispim.pt/artigos/conceitos/conc_art/01_tic_ntic.html> Acesso em 13 de março de 2016.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de história e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão**. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2087/1569>> Acesso em 16/10/2015.

FONSECA, Selva Guimarães. **A Constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de História na educação básica**. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Gasparello; MAGALAHÃES, Marcelo de Souza (orgs). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2007.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Paraíba, 2011. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 27/10/2015.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LEITE, Miriam Soares. **Entre a bola e o mp3- novas tecnologias e diálogo intercultural no cotidiano escolar adolescente**. In: CANDAU, Vera. Didática: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009. p. 121-138.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PARECER HOMOLOGADO. **Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 24/1/2012**, Seção 1, Pág. 10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&Itemid=30192> Acesso em 04/02/2016.

MOEHLECKE SABRINA. **O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações** Universidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000100003> Acesso em 15/01/2016.

MORAN, J. M. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MOURA, Mary Jones Ferreira de. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. **O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica**. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0923.pdf>> Acesso em 20/10/2016.

MOURA, Evandro Mateus. **Por uma escola significativa: o ensino médio e a história, um projeto a ser**. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/escrita_no_plural/outubro_2011/pdf/por_uma_escola_significativa_-_ensino_medio_e_a_historia,_um_projeto_a_ser_construido.pdf> Acesso em 02/12/2015.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à Sociologia: Série Brasil**. 25º ed. São Paulo: Editora Ática. 2007. Ensino Médio / Volume único.

OROZCO, Guilherme G. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. Comunicação e educação. São Paulo: n. 23, p. 57-70, jan./abr. 2002.

PERRENOUD, P. et al. **Fecundas incertezas ou como formar professores antes de ter todas as respostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Lucena Socorro.

Estágio e docência: diferentes concepções. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/poiesis/article/viewFile/10542/7012>> Acesso em 26/04/2016.

PINTO, José Marcelino de Resende. **O Ensino Médio.** In: OLIVEIRA, Romualdo Portela; ADRIÃO, Theresa. (Org.). Organização do Ensino no Brasil. 1 ed. São Paulo: Xamã, 2002. p 51-76.

PIROZZI, G. (2013). **Tecnologia ou metodologia?** O grande desafio para o século XXI. Revista Pitágoras, 4(4), 1-19.

RAMOS, M.N. **Possibilidades e desafios do currículo integrado.** In: Frigotto, G.; Ciavatta, M.; Ramos, M.N. Ensino médio integrado: concepção e contradições. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 106-127.

SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Gesinaldo e RESENDE, Luis Mauricio Martins. **O Desafio Metodológico no uso de Novas Tecnologias:** Um estudo em uma Instituição de Ensino da cidade de Itararé-SP. Disponível em: <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Art7-ano6-vol10-julho2014.pdf>> Acesso em 12/01/2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula.** In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Angela Carrancho. **Educação e tecnologia:** entre o discurso e a prática. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n72/a05v19n72.pdf>> Acesso em: 13/03/2016.

SILVA, Marcos. **Ensino de história e novas tecnologias.** Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2silva_artigo.pdf> Acesso em: 02/08/2015

SPENGLER, Willian. **O ensino da História e os novos recursos tecnológicos.** Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/ensinodehistoria.asp>> Acesso em: 20/11/2015.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio.** 2 ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

ANEXO A



CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **O Uso das Novas Tecnologias no Ensino de História /Ensino Aprendizagem na cidade de Cajazeiras - PB**, coordenado pelo discente Júlio Cornélio da Silva Neto e vinculado ao UFCG Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP). Em nome da instituição escolar: Escola Nossa Senhora do Carmo Ltda(Cajazeiras – PB), CNPJ: **24.102.386/0001-00** declaro que estou ciente e de acordo com o desenvolvimento da pesquisa nesta instituição.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral, problematizar o uso das novas tecnologias no ensino de história na cidade de Cajazeiras-PB. Analisando a posição da escola a respeito do uso de ferramentas tecnológicas, se é contra ou a favor, se o ambiente escolar proporciona a inserção de tecnologias em sala, o que pensam os professores, se estão realmente preparados para abrir uma nova possibilidade de ensino/aprendizagem, verificando até que ponto o mesmo é compreendido ou não como aliado do professor na sala de aula, se os alunos tem conhecimento das ferramentas tecnológicas e conseqüentemente se aprovam o uso das mesmas. Esse estudo será feito através da análise dos dados coletados por meio de entrevistas com os professores de História e alunos das turmas do 3º ano do ensino médio de três instituições distintas na cidade de Cajazeiras-PB. Como também desenvolver alguns objetivos específicos como: problematizar o uso das novas tecnologias no ensino de história relacionando formação e atuação profissional do historiador com as demandas contemporâneas no âmbito do ensino e da aprendizagem verificando se pode de fato haver avanços ou recuos no ensino aprendizagem.

Este estudo se faz necessário para realização de conclusão de curso, defesa do TCC. Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: O trabalho se constitui a partir de entrevistas escritas realizadas com os professores que ministram a disciplina de História e com discentes das respectivas turmas mencionadas acima que vivenciam o espaço escolar. Os riscos envolvidos com sua participação são: má conduta ética por parte da pesquisadora e possibilidade de forçar respostas em relação a um leque de opiniões e a minimização dos riscos por parte do comitê de ética. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição com o debate acerca dos diversos problemas que atingem de maneira direta ou indireta, a qualidade da educação escolar

na atualidade; poderá contribuir para um redimensionamento do processo de ensino aprendizagem nas Escolas analisadas.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Júlio Cornélio da Silva Neto, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Júlio Cornélio da Silva Neto

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

**Endereço: Rua Lourival Gomes de Albuquerque, n° 82,
Cajazeiras-PB**

Telefone: (83) 98121-7704

E-mail: julioneto1@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras, ____ de _____ de 2015

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável

Nome e assinatura do responsável pelo estudo



CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **O Uso das Novas Tecnologias no Ensino de História /Ensino Aprendizagem na cidade de Cajazeiras - PB**, coordenado pelo discente Júlio Cornélio da Silva Neto e vinculado ao UFCG Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP). Em nome da instituição escolar EEEFM Cristiano Cartaxo (Cajazeiras – PB), CNPJ: **01.330.344.000/121** declaro que estou ciente e de acordo com o desenvolvimento da pesquisa nesta instituição.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral, problematizar o uso das novas tecnologias no ensino de história na cidade de Cajazeiras-PB. Analisando a posição da escola a respeito do uso de ferramentas tecnológicas, se é contra ou a favor, se o ambiente escolar proporciona a inserção de tecnologias em sala, o que pensam os professores, se estão realmente preparados para abrir uma nova possibilidade de ensino/aprendizagem, verificando até que ponto o mesmo é compreendido ou não como aliado do professor na sala de aula, se os alunos tem conhecimento das ferramentas tecnológicas e consequentemente se aprovam o uso das mesmas. Esse estudo será feito através da análise dos dados coletados por meio de entrevistas com os professores de História e alunos das turmas do 3º ano do ensino médio de três escolas distintas na cidade de Cajazeiras-PB. Como também desenvolver alguns objetivos específicos como: problematizar o uso das novas tecnologias no ensino de história relacionando formação e atuação profissional do historiador com as demandas contemporâneas no âmbito do ensino e da aprendizagem verificando se pode de fato haver avanços ou recuos no ensino aprendizagem.

Este estudo se faz necessário para realização de conclusão de curso, defesa do TCC. Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: O trabalho se constitui a partir de entrevistas escritas realizadas com os professores que ministram a disciplina de História e com discentes das respectivas turmas mencionadas acima que vivenciam o espaço escolar. Os riscos envolvidos com sua participação são: má conduta ética por parte da pesquisadora e possibilidade de forçar respostas em relação a um leque de opiniões e a minimização dos riscos por parte do comitê de ética. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição com o debate acerca dos diversos problemas que atingem de maneira direta ou indireta, a qualidade da educação escolar na atualidade; poderá contribuir para um redimensionamento do processo de ensino aprendizagem nas escolas analisadas (Cajazeiras – PB).

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Júlio Cornélio da Silva Neto, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Júlio Cornélio da Silva Neto

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

**Endereço: Rua Lourival Gomes de Albuquerque, n° 82,
Cajazeiras-PB**

Telefone: (83) 98121-7704

E-mail: julioneto1@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras, ____ de _____ de 2015

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo



CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **O Uso das Novas Tecnologias no Ensino de História /Ensino Aprendizagem na cidade de Cajazeiras - PB**, coordenado pelo discente Júlio Cornélio da Silva Neto e vinculado ao UFCG Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP). Em nome da instituição escolar: ETSC – UFCG (Cajazeiras – PB), CNPJ: **05.055.128/0003-38** declaro que estou ciente e de acordo com o desenvolvimento da pesquisa nesta instituição.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral, problematizar o uso das novas tecnologias no ensino de história na cidade de Cajazeiras-PB. Analisando a posição da escola a respeito do uso de ferramentas tecnológicas, se é contra ou a favor, se o ambiente escolar proporciona a inserção de tecnologias em sala, o que pensam os professores, se estão realmente preparados para abrir uma nova possibilidade de ensino/aprendizagem, verificando até que ponto o mesmo é compreendido ou não como aliado do professor na sala de aula, se os alunos tem conhecimento das ferramentas tecnológicas e conseqüentemente se aprovam o uso das mesmas. Esse estudo será feito através da análise dos dados coletados por meio de entrevistas com os professores de História e alunos das turmas do 3º ano do ensino médio de três instituições distintas na cidade de Cajazeiras-PB. Como também desenvolver alguns objetivos específicos como: problematizar o uso das novas tecnologias no ensino de história relacionando formação e atuação profissional do historiador com as demandas contemporâneas no âmbito do ensino e da aprendizagem verificando se pode de fato haver avanços ou recuos no ensino aprendizagem.

Este estudo se faz necessário para realização de conclusão de curso, defesa do TCC. Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: O trabalho se constitui a partir de entrevistas escritas realizadas com os professores que ministram a disciplina de História e com discentes das respectivas turmas mencionadas acima que vivenciam o espaço escolar. Os riscos envolvidos com sua participação são: má conduta ética por parte da pesquisadora e possibilidade de forçar respostas em relação a um leque de opiniões e a minimização dos riscos por parte do comitê de ética. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição com o debate acerca dos diversos problemas que atingem de maneira direta ou indireta, a qualidade da educação escolar na atualidade; poderá contribuir para um redimensionamento do processo de ensino aprendizagem nas Escolas analisadas.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Júlio Cornélio da Silva Neto, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Júlio Cornélio da Silva Neto

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

**Endereço: Rua Lourival Gomes de Albuquerque, n° 82,
Cajazeiras-PB**

Telefone: (83) 98121-7704

E-mail: julioneto1@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras, ____ de _____ de 2015

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

ANEXO B**Questionário para Elaboração de Pesquisa - Professor**

Pesquisador: Júlio Cornélio da Silva Neto – Graduando em Licenciatura em História CFP/UFCG – Cajazeiras - PB

Orientador (a): Professora Doutora Rosemere Olímpio de Santana

Professor(a): _____ Data ___/___/___

Instituição onde Leciona:

1. Na sua opinião quais foram as experiências marcantes na sua formação acadêmica que ajudaram na sua prática enquanto docente?
2. Qual a sua opinião sobre a formação docente? Qual a importância que você atribui para a prática e a teoria na formação do professor?
3. No espaço escolar como você percebe o ensino de história?
4. Poderia definir a sua escolha teórico-metodológica enquanto professor de História?
5. Qual avaliação você faz sobre a sua prática pedagógica? Está satisfeito? O que mudaria?
6. Como você define um ensino tradicional para história? O que seria possível para

superar essa concepção?

7. Sobre o uso das Novas Tecnologias você é a Favor? Como você pensa as novas tecnologias?
8. A Escola Busca refletir sobre essa questão?
9. Como você utiliza os recursos tecnológicos em sala de aula?



Universidade Federal
de Campina Grande

Questionário para Elaboração de Pesquisa - Aluno

**Pesquisador: Júlio Cornélio da Silva Neto – Graduando em Licenciatura em
História CFP/UFCG – Cajazeiras - PB**

Orientador (a): Professora Doutora Rosemere Olímpio de Santana

Aluno (a): _____ Data: ____ / ____ / ____
Escola: _____ Série _____

1 - O que você acha do Ensino de História em sua Escola?

2- Você conhece as novas tecnologias, usadas pelo professor no ensino aprendizagem?

3 - Quais recursos tecnológicos seus professores usam em sala de aula?

4 – Com que frequência o professor utiliza os recursos tecnológicos em sala de aula?

- raramente
- eventualmente
- sempre

5 – Você acha que o uso das novas tecnologias podem auxiliar ao professor no que se refere o ensino/aprendizagem?

- Sim
- Não

Por quê?

5 – Quando o professor faz uso de Ferramentas tecnológicas, a aula é diferente das aulas convencionais (quadro negro e giz)?

- Sim
- Não

Em ambas as respostas, por quê?

6 – Qual a sua sugestão para a escola com relação ao uso das novas tecnologias no ensino/aprendizagem.
